



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

JOÃO PEREIRA SILVA NETO

**A PEREGRINAÇÃO DAS ALMAS: NARRATIVAS DOS
ROMEIROS E SUAS HISTÓRIAS DE DEVOÇÃO AO PADRE
CÍCERO**

Campina Grande- PB

2019

João Pereira Silva Neto

**A PEREGRINAÇÃO DAS ALMAS: NARRATIVAS DOS
ROMEIROS E SUAS HISTÓRIAS DE DEVOÇÃO AO PADRE
CÍCERO**

Trabalho apresentado ao programa de graduação em Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em História.

Linha de Pesquisa: Crenças e Manifestações Religiosas

Orientadora: Me. Maria de Lourdes Lôpo Ramos

Campina Grande- PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586p Silva Neto, Joao Pereira.
A peregrinação das almas [manuscrito] : narrativas dos romeiros e suas histórias de devoção ao Padre Cícero / Joao Pereira Silva Neto. - 2019.
95 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria de Lourdes Lôpo Ramos , Departamento de História - CEDUC."
1. Historiografia. 2. Líder religioso. 3. Romaria. 4. Devoção religiosa. I. Título

21. ed. CDD 907.2

João Pereira Silva Neto

A PEREGRINAÇÃO DAS ALMAS: NARRATIVAS DOS ROMEIROS E SUAS HISTÓRIAS DE DEVOÇÃO AO PADRE CÍCERO

Trabalho apresentado ao programa de graduação em
Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de
graduado em História.

Linha de Pesquisa: Crenças e Manifestações Religiosas

Aprovado em 05/12/2019

BANCA EXAMINADORA

Maria de Lourdes Lôpo Ramos

Profª Me. Maria de Lourdes Lôpo Ramos
Orientadora

Auricélia Lopes Pereira

Profª Dra. Auricélia Lopes Pereira
Examinadora

Patrícia Cristina de Aragão

Prof. Dra. Patrícia Cristina de Aragão
Examinadora

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Romualdo de Sousa Castro (*in memórian*), homem simples, mas de alma complexa, Doutor em fazer o bem, que me ensinou que devemos ser luz.

E a minha mãe, Jadilene Goretty Silva Castro (*in memorian*), que guarda consigo um pedaço da minha alma e os sonhos de outras horas, Doutora em amar, que me ensinou a brilhar.

Agradecimentos

Sobre a vida como uma trajetória, existem muitas metáforas, a vida como sendo uma música, um caminho, um espetáculo, enfim são muitas comparações para essa nossa jornada. Mas quando escrevia essa monografia, tomei a liberdade de comparar nossa vida como à grande procissão, sim esses percursos motivados pela devoção do povo sempre me encantaram desde criança.

Como em toda procissão, devemos pois escolher aquele que irá no nosso andor, que deve ser carregado por nossos braços, mesmo quando o cansaço chegar, quando as dores ameaçarem nos derrubar, quando a fé faltar, quando nossa vida for entrelaçada por tormentas e angústias, devemos olhar para aquilo que carregamos, e seguir em frente. Seguir! a nossa vida deve seguir, o mundo nessa agitação, não permite que nossa procissão pare, mesmo quando nossos passos sejam molhados por nossas lágrimas. Por isso, devemos ter algo que nos seja sagrado, para ter onde depositar nossas costas calejadas.

Imagens sagradas, elas alvoroçaram minha escrita, e transbordaram em meu coração fazendo meus olhos escorrerem em sentimentos. Imagens sagradas, Juazeiro guarda em si, tantas destas... Lembro-me mais fortemente agora do que antes, quando em 2009, toda minha família foi junta como uma massa de fé homogênea ao encontro de Juazeiro, o motivo? Agradecer pela cura do meu irmão, Raudek Woney, que havia sido vítima de dois tiros. Imagens sagradas, minha mãe entrando através da porta principal da Basílica de Nossa Senhora das Dores, como quem entrasse em um céu acolhedor, de joelhos no chão, e foi rastejando e rezando até os pés daquela imagem. Me perguntava, “Então, é assim o amor de uma mãe?” vi uma santa rezando para outra. Ah Juazeiro das minhas melhores imagens sagradas.

Mas durante nossa procissão, alguns ficam no caminho, pois seu percurso se completou. Verdade é que quando iniciamos nossa trajetória, acreditamos que ela será reta e certa, mas infelizmente não é assim. No meu

percurso minha alma foi atravessada por dores que jamais deveriam ser revisitadas pela memória deste que vos escreve, meus pais , eles completaram seu traslado, suas almas passaram a caminhar em outro lugar, que não ao meu lado.

Abriu-se aqui as chagas da minha vida, “éramos felizes enquanto nada acontecia”. Essa frase de Caio Fernando de Abreu soou tão bem em mim, pois vivenciei uma destruição completa: Viraram-se meus sentimentos ao avesso, tornou visível a minha miséria, fez padecer minha alma, mas existem acontecimentos que não combinam com explicações, esse é um deles.

Mas nesses dias tempestuosos, quais almas se aproximaram da minha? Quem me sustentou e me fez caminhar, com meu andor um pouco mais pesado? Iniciarei aqui meus agradecimentos.

Primeiro a Deus e a Nossa Senhora das Dores, eles são o motivo da minha fé.

Agradeço a toda minha família, a minha Vovó, Palmira Costa por sempre me perdoar e se tornar um chão para que eu pudesse caminhar. Aos meus Irmãos, afilhados (as), primos, sobrinhos, tios e tias, em especial à Tia Sara, Tia Riva, Tia Zira e Tia Rosilda, foram as flores que exalavam perfume suave em meu espírito. Me trazem a recordação, um livro do suíço Carl Gustav Jung, “*Memórias, Sonhos e Reflexões*”.

Aos meus amigos da vida, Aleffy, Marcos, Vitor Henrique, Júnior, Lais, Gabriel, Antônio Vitor, Natália, Wanusa, Roane, Ítalo, enfim todos que fizeram e ainda fazem parte da minha travessia, muito obrigado. Quando penso em vocês, me vem a mente o livro do Francês, Michel de Montaigne, “Ensaaios” sobre a amizade.

Aos meus amigos na fé, todos os que fazem o Convento Ipuarana, aos frades, na pessoa do Frei Anésio, meu grande amigo, aos funcionários e fiéis que por ali passaram e deixaram marcas em mim, muito obrigado. Assim como minha família de EJC, que foram chegando aos poucos e tornando-se luz para minha caminhada, saibam do meu coração em dívida. Vocês para mim são a

súplica do título de um livro do português, Antônio Lobo Antunes, *“Não entres tão depressa nessa noite escura”*.

Agradecer a minha família da Universidade, aos mestres que despertaram em mim a paixão pelo conhecimento, a minha querida amiga e professora, Maria de Lourdes Lôpo Ramos (Babi), minha orientadora, de tantas outras áreas do conhecimento da vida, a minha reverência respeitosa também a Patrícia Aragão e a grande Auricélia Lopes Pereira, vocês me ensinaram mais que história me formaram na disciplina, VIDA. Não poderia deixar de agradecer a Flávio Santana e Luíra Freire, que se transformaram em amigos-mestres, todos os professores, Adilson, Matusalém, Socorro, Alberto, José Júnior, Anselmo, Klebson, Ofélia, Jefferson, Socorro Cipriano enfim todos vocês são os melhores que alguém poderia almejar. Despertam em mim a memória do livro do suíço, Jung, *“O homem e seus Símbolos”*.

E aos meus companheiros de tantas lutas, que sempre me aconselharam, me apoiaram, dividiram comigo dores e conquistas e ainda me dão tanto carinho, que fazem minha procissão brilhar em luz, Fernanda Borges, Thais Almeida, Nathália Correia, Beatriz Snatos, Nathália Santos, Aline, Francisco Thiago, Raquel, Pe.Luciano, e todos os meus amigos que surgiram através da UEPB, muito agradecido. Vocês se tornaram para mim a resposta à pergunta do título do livro de Lobo Antunes, *“Que farei, quando tudo arde?”*.

Por fim agradecer aos meus pais, Jadilene Goretty Silva Castro (*in memorian*) e Romualdo de Sousa Castro (*in memorian*), todas as palavras deste trabalho, cada sílaba, cada frase, nas margens, brancas em sua essência, no ponto final, em qualquer escrita vocês estão. Como definir meu amor por vocês? Sinto que não existe resposta, qualquer palavra não poderá povoar de sentidos tudo o que eu sinto. Quando questionaram a Michel de Montaigne sobre o porquê ele amar seu amigo, Etienne de la Boétie, ele respondeu ,“ parce que c’était lui, parce que c’était moi” (porque era ele, porque era eu). Eu os amo porque eram eles, porque era eu, formula francesa complexa sobre o amor, mas o amor por excelência é complexo, ainda mais quando falo sobre os grandes amores da minha vida.O livro que eles me lembram? Eles são todas as obras que li e lerei, são o livro da minha

existência. Foi por eles que tudo começou, são eles que eu carrego em meu andor, são eles que me carregam nessa estrada e é por eles que aqui eu encerro para não gastar com palavras o meu amor.

RESUMO

O trabalho “A peregrinação das almas: narrativas dos romeiros e suas histórias de devoção ao Padre Cícero”, versa sobre as motivações das romarias e as várias narrativas acerca da figura do Padre Cícero, percebendo como se construiu a figura histórica de Cícero, a figura religiosa do Padre e as intencionalidades dos seus peregrinos. Para tanto, esse estudo pretende analisar como essas peregrinações construíram e fortaleceram a cidade de Juazeiro e tornou Padre Cícero um dos personagens mais emblemáticos e conhecidos da historiografia e da religiosidade do povo brasileiro. Partindo dos contextos históricos e das permanências das romarias, analisaremos as práticas devocionais dos romeiros do Norte, focando na canonização popular, a revelia da igreja, provocando até hoje calorosas discussões. Um ponto chave da escrita foram as entrevistas orais, marcadas com elementos do imaginário religioso, que sustentam as romarias em torno do Juazeiro do Norte, ajudando a explicar uma série de fenômenos relativo a representação do Padre Cícero.

Palavras-Chave:

Padre Cícero. Romeiros. Juazeiro. Devoção.

RÉSUMÉ

Le travail *Le pèlerinage des âmes: récits des pèlerins et récits de dévotion au Père Cícero*, traite des motivations des pèlerinages et des récits divers sur la figure du Père Cícero, réalisant ainsi comment la figure historique de Cícero, la figure religieuse du Le prêtre et les intentions de ses pèlerins. À cette fin, cette étude vise à analyser comment ces pèlerinages ont construit et renforcé la ville de Juazeiro et ont fait du Père Cícero l'un des personnages les plus emblématiques et les plus connus de l'historiographie et de la religiosité du peuple brésilien. En partant des contextes historiques et de la permanence des pèlerinages, nous analyserons les pratiques de dévotion des pèlerins du Nord, en nous concentrant sur la canonisation populaire, le "absentia" de l'église, provoquant à ce jour des discussions animées. Les entretiens oraux, marqués par des éléments de l'imaginaire religieux, qui soutiennent les pèlerinages autour de Juazeiro do Norte, ont permis d'éclairer une série de phénomènes concernant la représentation du Père Cícero.

Mots-clés:

Père Cícero. Romeiros. Juazeiro. Dévotion.

RELAÇÃO DOS DEPOENTES

Por preferência dos entrevistados, usaremos o vocábulo ROMEIRO (A) acrescido de numeração para referirmos aos trechos dos relatos orais que foram recolhidos para esta pesquisa e para preservar a identidade dos depoentes.

Romeira 1, 55 anos.

Romeira 2, 53 anos.

Romeira 3, 68 anos.

Romeira 4, 55 anos.

Romeira 5, 41 anos.

Romeira 6, 73 anos.

SUMÁRIO

Introdução	13
Os percursos de uma procissão teórica.....	13
Capítulo I: Padre Cícero no alvorecer da República	17
1.1 O nascer de um novo dia, o amanhecer da república.....	17
1.2 O homem entre a cruz e a espada.....	19
1.3 Sangue no altar, o Milagre da Hóstia.....	26
1.4 De Juazeiro a Cidade Eterna, as investigações sobre o milagre.....	30
1.5 O Padre Cícero entre o altar e a política.....	34
1.6 O fim da peregrinação do Santo e o início poderoso das romarias..	38
Capítulo II: Juazeiro do norte, Cidade Sagrada, a nova Jerusalém	44
2.1 Sacris locis.....	44
2.2 A Meca dos Sertões.....	46
2.3 O olhar da chegada.....	50
Capítulo III: Almas que migram	53
3.1 A fé.....	53
3.2 Fluxos migratórios, a esperança da caminhada.....	55
3.3 O caminho das almas, peregrinações do sagrado.....	59
3.4 O fenômeno das romarias, assim na terra como no céu.....	64
3.5 Os romeiros.....	68
3.6 O Padre e seus romeiros.....	75

3.7 O profano entrelaçado ao sagrado.....	78
Considerações Finais.....	84
Agora que estou no fim do meu relato, tenho pena que acabe.....	84
Bibliografia.....	88
Fontes Orais.....	95

INTRODUÇÃO

Os percursos de uma procissão teórica.

Então como anunciar este com que trabalho?
Como dizer, se dizer é nomear,
e se todo nomear carrega um gesto de autoridade,
de domínio sobre o mundo?
Todas essas palavras são insuficientes
para dizer com quem trabalho.
Auricélia Lopes Pereira.

O Padre Cícero é um personagem capaz de suscitar muitas polêmicas e opiniões controversas, tanto dentro da Igreja Católica, quanto no meio acadêmico. É objeto de diversos estudos e sua vida, é capaz de provocar as mais diversas interpretações. Por mais excepcional que um sujeito possa ser, ou pareça ser, no seu tempo ou em avaliações feitas através de estudos futuros esse alguém não consegue escapar das estruturas sócias que foram colocadas em seu tempo.

Inserido em um contexto histórico de grandes transformações, no qual rui um império e se ergue a república, transformando assim, a economia, a sociedade e a política dos quatro cantos do país, as relações de poderes foram repensadas e rearticuladas, ocorreu a separação entre igreja e estado, e a descentralização do poder com o federalismo. Os ideais positivistas se fizeram chegar através do partido republicano, modificando o pensamento intelectual brasileiro. Nesse contexto, surgem alguns personagens que se destacam tanto pela sua participação em movimento messiânicos que surgiram nos sertões do Brasil, como pela sua inserção política, ainda que os votos de sacerdote não o permitam como é o caso do Padre Cícero.

Portanto, faz-se necessário o estudo mais detalhado, sobre os discursos que foram construídos ao longo dos anos pelos romeiros do Padre Cícero, que apelam a sua santidade e acionam recursos maravilhosos, presentes nos seus

milagres. Assim sendo, esse trabalho visa percorrer as várias narrativas dos peregrinos de Padre Cícero tendo como enfoque principal a fé que construiu a cidade e que ultrapassou as barreiras do tempo e chega aos nossos dias desafiando a lógica humano-científica.

Assim, com o auxílio da cultura popular¹ e dos textos religiosos vamos nos debruçar sobre as intencionalidades daqueles que falam e debatem sobre o padre, desde os autores pioneiros no estudo de sua vida até os mais contemporâneos. Tendo como eixo norteador o uso das narrativas orais² dos romeiros que vão ao Juazeiro em peregrinação, saber como eles percebem a sua trajetória (Padre Cícero) e quais suas colocações quanto ao seu envolvimento com a política.

Diante das várias interpretações sobre os discursos dos romeiros, e das permanências das romarias, e de toda a história de crescimento e desenvolvimento de Juazeiro, desde um pequeno povoado até o grande centro urbano que se apresenta nos nossos dias. A partir destas considerações, buscou-se reunir informações com propósito de responder o seguinte problema de pesquisa: como se configura a fé dos romeiros em Padre Cícero na atualidade?

O objetivo inicial desta pesquisa é investigar como os lugares que foram construídos para o Padre Cícero estão marcados pelas intencionalidades de quem os fez. Analisando as narrativas orais dos romeiros e suas percepções críticas. Além disso, buscou-se também discutir como os vários fatos que ocorreram na vida de Cícero contribuíram para a construção de um imaginário popular e de toda uma sacralidade ao redor de sua trajetória.

1 Segundo Peter Burke (!988) pensar o termo cultura popular requer que não trata o “popular” diante de uma concepção homogênea sem compreender as diversas manifestações presentes, mas entender que o popular aos olhos da história conduz todo um conjunto de práticas, representações e crenças das mais diversificadas que muitas vezes não é reconhecida pela cultura elitista ou cultura oficial que se põe contra as outras.

2 Como metodologia fiz uso dos depoimentos orais dos romeiros(a)s por essa permitir colher seus pontos de vistas, enquanto pessoas comuns, suas trajetórias enquanto romeiro(a)s seu contexto social. RAMOS (2001, p. 72).

Escritores e estudiosos do fenômeno que ocorre em Juazeiro (DELLA CAVA, 1976/ NETO, 2009/ MENDES BRAGA, 2007) registram a dedicação do padre Cícero ao povo, instigando-o ao trabalho e ao apreço pela sua própria região. Dizia a toda gente que a solução para o Nordeste estava no próprio Nordeste, preocupando-se, então, com seu desenvolvimento.

No mundo contemporâneo, o interesse maior está centrado nas tecnologias e nas armas da modernidade, os avanços do pensamento técnico-científico, principalmente a partir do século XIX, mudaram toda uma percepção de mundo, e quase sufocaram as escritas mais sensíveis. Na maioria das vezes ao falar sobre as religiosidades do povo sertanejo as palavras: retrógrado, atraso, antiquado e fanatismo geralmente aparecem através de preconceitos enraizados na sociedade atual. Discutir e problematizar a motivação dos romeiros e peregrinos do Juazeiro do Norte é trazer luz sob a escuridão da ignorância e do convencionalismo moderno.

A viabilidade deste trabalho se deu através das entrevistas colhidas dos romeiros e devotos do Padre Cícero em pesquisa de campo. Ou seja, as discussões trazidas e levantadas nessa escrita tem como base a história oral. Por preferência dos entrevistados, usaremos o vocábulo ROMEIRO (A) para nos referir aos romeiros que terão seus relatos descritos neste trabalho. No Brasil, essa metodologia foi trazida na década de 70. Essas narrativas da oralidade são tomadas como fontes para compreensão do passado ao lado de documentos escritos e outros tipos de registro, como imagem e música, caracterizada por serem produzidas a partir do estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas que permitem compreender como esses indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida.

Assim, considerando as questões supracitadas, esse trabalho está disposto nos seguintes capítulos: Capítulo 1- apresentará o contexto histórico, político e social no qual o Padre Cícero estava inserido, buscando entender como sua trajetória o levou até Juazeiro, e lá permaneceu. Para tanto, buscaremos entender a relação religiosa de Cícero com a Igreja Oficial, os

milagres que abalaram o catolicismo no Brasil, modificando toda a forma de pensar, as práticas e devoções do nordeste brasileiro.

No Capítulo 2, trataremos um pouco sobre a localidade de Juazeiro e sua metamorfose sagrada. Analisaremos a construção da cartografia religiosa que ocorreu no Cariri do Ceará, e como esta está intimamente ligada com os acontecimentos da vida do Padre Cícero, percebendo assim, a importância dos seus locais para a fé romeira em seus rituais e tradições. Além disso, buscaremos mostrar os conceitos de espacialidade que podem ser interpretados dentro de Juazeiro.

No Capítulo 3, finalmente, no sentido de entender a complexa experiência dos romeiros, investigaremos os desdobramentos de sua fé com relação as romarias do Padre Cícero. Será abordado também as outras motivações para as viagens ao Ceará, lançando um olhar investigativo sobre as dimensões do sagrado e do profano que se fazem sentir em Juazeiro do Norte.

Este trabalho parte dos estudos e contribuições da história cultural e social por possibilitar o surgimento de novos temas com a ajuda de novos conceitos, o que permitiu que esta escrita fosse possível.

CAPÍTULO I: PADRE CÍCERO NO ALVORECER DA REPÚBLICA.

1.1 O nascer de um novo dia, o amanhecer da república.

Antes de analisarmos os meandros que configuraram a cidade do Juazeiro, mais especificamente a vida do Padre Cícero, é preciso entender o contexto histórico no qual estavam inseridos. Percorrendo a história da “República Velha” devemos em primeiro lugar, analisar a primeira Constituição Republicana³, pois foi ela que possibilitou, de um lado, a formação do regime político instaurado e sua consolidação, de outro, o poder das oligarquias estaduais e sua hegemonia na condução dos rumos políticos, econômicos e sociais do país, deixando de fora a maior parte da população brasileira da época.

É de suma importância, perceber como a descentralização da política durante a República Velha foi essencial para a ascensão do poder da classe agroexportadora. Para Penna (1999), a Carta Constitucional de 1891 é o ponto de partida para explicar a dominação exercida pelas elites agrárias.

Com a consagração do sistema federalista, a República Brasileira viria a conhecer um longo período de comando pela ação e pelos interesses da política dos estados. Descartada a ameaça do florianismo e sua versão popular, na qual o regime tenderia a adotar uma direção unitária e fortemente centralizada na figura presidencial, foi possível o governo descentralizado dos múltiplos apetites oligárquicos. Aliás, essa perspectiva favorável aos grupos locais encontrava-se presente nos termos da Constituição de 1891. (PENNA, 1999: p. 88).

3 Sobre o início da República ver: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs.). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930). Vol. 1 – 10ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Esse federalismo⁴ concedeu aos estados na figura do governador, e aos municípios, na figura dos coronéis⁵, ampla autonomia, consagrando o individualismo político e econômico, devido a isso, os estados passaram a ter liberdade para legislar, organizar sua própria força militar, criar impostos e taxar informações.

Do ponto de vista político, o período da chamada República Velha, caracterizou-se pelo predomínio incontestes dos grupos agrários, sobre a hegemonia dos cafeicultores paulistas. Artífices do regime republicano em sua crítica, a centralização monárquica acabariam por implementar, na prática, um regime político coerente com seus desígnios, consubstanciados na federação, e baseados na maximização do poder das oligarquias estaduais, viabilizado a partir do coronelismo (MENDONÇA, 2000: p. 316).

Foi nesse contexto, da chamada política dos governadores, em que existia uma cooperação entre os governos municipais, estaduais e federal, na manutenção do poder, que a oligarquia da família Accioly chegou ao governo do Ceará. Nogueira Accioly, com ajuda do seu sogro, Senador Pompeu, alcança primeiro a vice-presidência do estado (1892 – 1896), e posteriormente,

4 Sobre a questão política republicana ver: MATTOS, Hebe. A Vida política IN: SCHWARCZ, Lília Moritz. História do Brasil Nação: 1808- 2010. A abertura para o mundo (1889-1930) Vol. 3. Fundación Mapfre. Editora Objetiva, 2012, p. 85-131.

5

A palavra coronelismo é, na realidade, um abasileiramento da patente de coronel da Guarda Nacional. O cargo era utilizado para denominar os cargos aos quais as elites locais poderiam ocupar dentro do escalão militar e social brasileiro. Esse fenômeno teve início durante o Período Regencial (1831 – 1842). Como o Império do Brasil encontrava-se sem um exército forte e centralizado, o governo apela para os dirigentes locais a fim de constituir milícias regionais e assim, combater as rebeliões que aconteciam no país. Nesse momento, foram colocados à venda postos militares como o de tenente, capitão, major, tenente-coronel e coronel da Guarda Nacional. Assim, para ingressar nesta elite, era preciso deter amplos recursos. O coronel deveria assumir os custos de uniformes e das armas, no valor de 200 mil réis de renda anual nas cidades, e 100 mil réis no campo. Aos olhos da população local, ser coronel era equivalente a ter um título nobiliárquico e passou a legitimar muitas das ações dos chefes locais, esse processo tem início no plano municipal e estabelece a dominação do coronel sobre o poder público. Esta elite política foi composta principalmente por comerciantes, grandes proprietários rurais e chefes políticos locais, sendo capazes de exercer influência sob a população local enquanto autoridades incontestáveis. Os coronéis podiam recrutar pessoas para compor a força militar do governo, empregavam as milícias para reprimir e manter assim, a ordem social. Por sua parte, esses homens distribuíam benefícios, patrocinavam a festa do santo local, eram padrinhos de inúmeras crianças que nascessem em suas terras, e dava reses aos vaqueiros mais destacados. Assim, estabeleciam uma relação de dependência e temor com seus empregados, chamada clientelismo.

sendo eleito presidente do estado (1896 – 1900), e foi esta oligarquia que estabeleceu ligação direta com a figura do Padre Cícero enquanto prefeito da cidade do Juazeiro.

1.2 O homem entre a cruz e a espada.

O período em que o Padre Cícero nasceu e viveu toda sua experiência mística e política, passando pelo alvorecer da República Velha até o seu crepúsculo eminente, momento marcado pela fome e miséria do povo do sertão nordestino e em que revoluções surgiam por todas as partes do país e os movimentos messiânicos surgiam com sua tendência escatológica (COMBLIN, 2011). O modelo político da época era o coronelismo, em que a figura do coronel tinha domínio quase que vitalício e seu poder se fazia sentir com mãos de ferro, dominando o contexto social, político e econômico.

Cícero Romão Batista nasceu no Crato, em 24 de março de 1844, seu pai era Joaquim Romão Batista, sua mãe, Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como Dona Quinô. Aos seis anos, começou a estudar com o professor Rufino de Alcântara. Em 1860, foi matriculado no colégio do renomado Padre Inácio Rolim, em Cajazeiras, na Paraíba, para realizar sua formação e tornar-se sacerdote. Entretanto, em 1862 seu pai morreria vítima de cólera, obrigando-o a largar os estudos e voltar para junto da mãe e das irmãs solteiras. A morte de seu pai, que era um pequeno comerciante do Crato, trouxe sérias dificuldades financeiras à família.

Mas para Cícero, aquele não era o fim, o jovem rapaz era acometido por espécies de visões premonitórias, que durante seus sonhos, lhe dariam orientações sobre sua vida, essas visões irão acompanhar Cícero durante toda sua trajetória – trataremos de outros sonhos no decorrer do trabalho – um dos primeiros de que se tem registro, foi justamente nessa hora de precisão, que Cícero contou que, bem tarde da noite, quando estava deitado em uma rede ouviu o som de leves passos dentro da casa, levantou-se para averiguar o que era, e disse ter visto a imagem do seu pai, já falecido, Joaquim Romão, este,

teria lhe falado para não desistir, um só minuto que fosse do bom caminho dos livros. E continuou, “Deus haverá de dar um jeito”.

Cícero teria contado esta visão ao seu padrinho, o coronel Antônio Luís Alves Pequeno, que, admirado diante do relato, e para cumprir o desejo do seu finado compadre. Por se tratar de um rico comerciante local e chefe político do Crato, disposto a ajudar o jovem Cícero, seu padrinho, resolveu custear os estudos do rapaz no seminário episcopal do Ceará, em Fortaleza, que havia sido recém-criado. Assim, com 21 anos, em 1865, ingressou no seminário diocesano, mais conhecido como “seminário da prainha”.

Já ordenado como sacerdote, em 1871, regressou a sua cidade natal, Crato, onde passaria um ano, enquanto aguardava que lhe fosse confiada uma paróquia. Durante esse período, ele passou a celebrar em capelas da região, e lecionando como professor de latim no colégio do seu primo, o professor José Marrocos. A intenção de Cícero era que após esse ano, pudesse regressar a Fortaleza, onde seria professor do seminário da prainha.

Entretanto, em 1871, o professor Semeão Correia de Macedo, convidou o Padre Cícero para que celebrasse a missa de Natal, na capela do povoado onde ele lecionava, povoado este, que recebia o nome de Juazeiro. Ele deveria celebrar a Missa do Galo e dar assistência religiosa aos habitantes do lugarejo. Como aquela comunidade estava sem capelão, logo lhe fora solicitado que assumisse em definitivo aquela capelania, e passasse a residir naquele povoado, aceitou a proposta e em abril de 1872 levou consigo sua mãe, as duas irmãs, e uma escrava alforriada conhecida como Tereza do Padre. Cinco meses depois, em setembro, o bispo Dom Luís nomeou oficialmente como Capelão de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro, tornando-se oficialmente sacerdote daquele povoado.

Essa, ao que nos parece, poderia ser uma biografia simples, de um homem simples, em um lugar pouco importante, mas uma coisa que se faz verdade quando se estuda a vida de pessoas como o Padre Cícero, é que a palavra “simples” não pode ser aplicada em sua biografia. Quando se questiona, o que teria levado Cícero a mudar seus planos de lecionar no

seminário de Fortaleza e resolver ficar em Juazeiro, nos aparece como resposta algo que permeia toda a biografia do Padre, os seus sonhos-visões.

Tomar como objeto de análise os sonhos de Cícero é um desafio complexo, pois estes sonhos podem nos oferecer uma perspectiva do mundo em que o sacerdote estava inserido no século XIX. Cícero atribuiu a estes sonhos um status de verdade absoluto, a ponto de fazê-lo tomar decisões que mudariam o rumo de sua vida. O sonho teria ocorrido em 1872, na casa onde funcionava a Escola de Juazeiro, lugar onde ele se hospedava quando ia prestar seus serviços na comunidade, de acordo com relatos, ele estaria dormindo em um quarto improvisado em uma das salas de aula, foi aí que:

“Cícero sonhou que estava sentado na cabeceira da grande mesa na escola, quando viu entrar na sala 13 pessoas com vestes talares, e uma delas com o coração exposto, em que atribuiu ser os 12 apóstolos e Jesus Cristo. Os apóstolos colocaram-se em pé ao lado da mesa, enquanto Jesus colocou-se atrás da cadeira onde ele, Pe. Cícero estava sentado. Ouviu perfeitamente a voz do coração de Jesus dizendo as seguintes palavras:

‘Estou muito magoado com as ofensas que os homens me tem feito, e me fazem todos os dias. Irei fazer um ultimo esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir acabarei com o mundo.’ Enquanto pronunciava essas palavras, adentrou na sala um mangote de sertanejos mal vestidos, e quase todos descalços, então, Jesus disse com voz forte: ‘E, quanto a ti, (disse dirigindo-se a Cícero) tome conta deles.’ Cícero acordou sob a impressão tão viva, que mais lhe pareceu uma realidade.” (Oliveira, 2001: p. 57)

Para Cícero, este não fora um sonho comum, como os sonhos rotineiros, este teria sido de outra ordem. De acordo com alguns relatos, estes sonhos teriam lhe provocado tamanha impressão, que lhe parecia profundamente real. Para ele fora, de fato, uma experiência onde Cristo havia lhe confiado uma missão de máxima importância.

Tais sonhos, sempre permearam a vida de Cícero, como por exemplo, após a morte do seu pai, quando ele havia retornado para o Crato, para ajudar sua mãe e suas irmãs, este, havia lhe aparecido em sonho, orientando-o a seguir o seu sonho de se tornar sacerdote um dia. Outro relato, por exemplo,

dá conta de um sonho premonitório que ele havia experimentado no seminário, no qual teria visto todas as cenas da deposição de Dom Pedro II, e a proclamação da República. De acordo com este sonho ainda, ele teria presenciado os líderes do golpe de 1889, com a intencionalidade de fuzilar o imperador, neste mesmo sonho, Cícero teria intervido, pedindo para que não o fizesse, justificando que apesar dos erros, o imperador era um homem ilustre que fizera coisas grandes para a Pátria. Então, ele seguiria para o exílio.

Existem ainda, outros exemplos de sonhos mais simbólicos, como o que ele teria tido em Juazeiro, no qual, ele teria visto um enorme urso branco com manchas pretas, carregando em sua mão o globo terrestre. Neste sonho, o urso dilacerava a Terra com suas garras, causando sofrimento entre as nações. Já em outro, ele teria visto um animal semelhante ao urso, sendo recebido festivamente por diversos moleques nus e esfarrapados, Cícero teria então questionado o porquê daquela festa em recepção ao animal, eles teriam lhe respondido que aquele animal era “A Garra das Garras”, o pai de todos os desejos e prazeres, que agora estava solto. (Oliveira, 2001: p. 60).

Nestes últimos dois sonhos, podemos observar o seguinte, o primeiro tem um caráter escatológico, apontando para uma visão apocalíptica, e o outro, para o conteúdo com maior sexualismo; Entretanto, os dois são atravessados por uma percepção de pecado que recai sobre os ombros. É notória a presença de um *Ethos* e visão de mundo, que estava próximo da realidade em que Cícero estava inserido e do catolicismo do século XIX. Sonhos estes, que nos fazem notar que Cícero era um homem com um lado místico, no qual faz com que essas experiências possam possibilitar um contato com o sobrenatural, com uma realidade espiritual e transcendente.

Mas vamos nos deter a analisar o primeiro sonho, pois ele é o marco divisor na história de Cícero como sacerdote, e de toda sua dedicação para com Juazeiro.

Vale salientar que Cícero não era tomado totalmente por este misticismo, como foi comum no catolicismo popular⁶, ou seja, como sendo homem com poderes sobrenaturais. Ao trabalhar sobre essa questão, Antônio Mendes (2007) nos diz que, essa espécie de espiritualismo o coloca em um posição cara ao cristianismo e a igreja católica, se recorrermos à Bíblia para tentar justificar tais eventos sobrenaturais, encontraremos no livro do *Gênesis* a figura de José, filho de Jacó, (Gn, caps. 2-21) que ficou famoso por seus sonhos e principalmente pela capacidade de os interpretar. Além disso, esses “sonhos místicos” percorrem toda a escritura sagrada, como ocorreu com Jó nas revelações particulares que Deus lhe havia feito (Jó 4, 12-21). Também vemos estas revelações feitas à Pedro (At 2, 17), Paulo (At 16, 9; 18, 9; 23, 11)

6 O catolicismo Popular teve grande força nos primórdios da história Brasileira pois, analisando o modelo da colonização do Brasil, percebemos que, o catolicismo popular, pode ter tido grande influência de religiosos europeus mal formados que eram mandados para cá e para catequizarem criavam meios um tanto diferentes do catolicismo europeu da época. Esse tipo de prática tem algumas características peculiares como:

- O leigo ocupa papel central; o especialista, papel secundário;
- Há uma perda relativa da importância do sacramental frente ao devocional;
- Verifica-se uma manipulação do sagrado com finalidades pragmáticas; por consequência, é sensível uma diferença entre religião e magia. A religião importa uma transcendência; a magia conota imanência;
- Enfim, releve notar o caráter protetor da religiosidade popular. Ela visa a solução prática dos problemas do cotidiano. Oferece uma segurança adicional frente ao esforço material.

De acordo com, Souza,2013; Os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição. Seus costumes e práticas são de caráter tradicional, sendo transmitidos de uma geração para outra e com eventuais alterações sendo vistas como sacrílegas ou como uma perda de respeito, e seus praticantes se situam, majoritariamente, entre os setores mais pobres e menos escolarizados da população, possuindo, ainda, profunda ressonância no meio rural. Contrastam, assim, com os setores intelectuais da Igreja, que tenderam, historicamente, a ver suas manifestações com um misto de desprezo e desconfiança, reconhecendo-as, contudo, como estratégias válidas e eficazes para a manutenção da fé católica no seio da população. O catolicismo popular carece de um estatuto próprio perante as práticas da Igreja, existindo, contudo, em íntima interação com ela. Não a contesta, mas pode, eventualmente, adquirir um viés nitidamente anticlerical. Não se opõem aos atributos do clero, mas cria seus próprios atributos, e é organizado e praticado por leigos que buscam, em maior ou menor grau, manter sua autonomia enquanto fiéis, ao mesmo tempo em que se declaram filhos da Igreja. Os ritos eclesiais não se mantiveram imunes, por outro lado, às influências do catolicismo popular. Pelo contrário, a Igreja, tradicionalmente, se adaptou a eles e os incorporou, em maior ou menor grau, aos seus ritos, assim como o catolicismo popular adaptou elementos diversos oriundos do ritual eclesial.

e até mesmo ao próprio Pai de Jesus, quando foi avisado em sonho que deveria fugir para o Egito (Mt 2, 12).

Ainda de acordo com Antônio Mendes, nós devemos ter em mente que estes sonhos ocorreram em um período anterior à noção de “inconsciente” desenvolvida a partir dos estudos de Freud. Estudos estes, em que Freud nos fala que os sonhos são manifestações de um desejo presente no inconsciente (*Die Traumdeutung / A interpretação dos sonhos*, 1900 (Freud, 2006)), estudo que ainda viria a acontecer, causando impacto no imaginário ocidental. Contudo, na época em que os sonhos de Cícero ocorreram, não era raro que tais acontecimentos fossem tratados como premonições, ou seja, fazer uma leitura desses sonhos através das concepções de Freud seria anacrônico.

Para analisar esse sonho e todo o seu simbolismo, primeiro é preciso entender que ele é formado por símbolos, muito comuns ao ambiente religioso em que o jovem sacerdote estava inserido na segunda metade do século XIX.

Em primeiro lugar, devemos analisar o personagem principal do sonho, aquele que primeiro aparece, Jesus Cristo, mas, não qualquer imagem de Cristo, trata-se de uma muito específica, o Sagrado Coração de Jesus, uma devoção muito própria do século XIX. Este Cristo expressa uma forma de devoção típica de um sacerdote do século XIX em toda sua práxis. Cícero era de fato um homem muito devoto, a devoção e a sua prática devocional fazem parte de sua condição de homem religioso.

O fato de a devoção presente no sonho ser especificamente a do Sagrado Coração de Jesus⁷ é muito significativo, isto porque, estamos falando

7

Quanto a sua origem, esta devoção teve início com a Santa Francesa Margarida Maria Alacoque (1647- 1690). Segundo o relato de Santa Margarida Maria, ela estaria rezando diante do Santíssimo Sacramento, no dia 16 de Junho de 1675, quando o Cristo lhe apareceu e, mostrando o seu Sagrado Coração, comentou o quanto aquele havia amado os homens até esgotar-se, tendo recebido, contudo em troca só ingratidão e indiferença, sacrilégio e irreverência. Então, Cristo havia lhe pedido que à primeira Sexta-Feira depois da oitava do Santíssimo Sacramento fosse dedicada a uma festa especial de desagravo em honra ao seu coração, comungando-se neste dia, e fazendo-lhe um ato de reparação, em satisfação das ofensas que ele recebeu.

Esta devoção ampliou-se e no século XIX, propagou-se o uso do escudo do Coração de Jesus, e a formação das irmandades do Apostolado da Oração dedicadas ao seu louvor. Por trás dessa devoção estava o princípio que o escudo do Coração de Jesus protegeria o fiel

de uma devoção que exaltava o sacramento da eucaristia, basta lembrar que a proposta da Igreja Católica naquele momento (pós Concílio Vaticano I) era de fortalecer as práticas sacramentais e ao mesmo tempo inibir a “religiosidade popular”.

Outro fato que deve ser analisado no sonho é o discurso proferido pelo Sagrado Coração de Jesus, *“eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me tem feito, e me fazem todos os dias. Vou fazer um ultimo esforço pela salvação de todos, mas se não quiserem se corrigir acabarei com o mundo. E quanto a ti, (disse dirigindo-se ao Padre Cícero) toma conta deles”*. Primeiro, devemos considerar a semelhança das palavras do Coração de Jesus com aquelas dirigidas a Santa Margarida Maria Alacoque, aqui, há uma clara referência ao “fim dos tempos” quando um Deus ofendido consideraria a possibilidade de acabar com o mundo. Mas para o nosso estudo, analisaremos o trecho em que já no final de sua fala, ele teria dito “quanto a ti, toma conta deles”, está dado nesta fala, a missão primordial da vida de Cícero, cuidar dos sertanejos, mais especificamente do povo pobre, que mais tarde seriam seus romeiros.

A fala do Sagrado Coração acionava em Cícero o sentido de que ele deveria ficar em Juazeiro, obedecendo ao mais alto grau de uma hierarquia que ele estava inserido, pois, não foi o bispo, o cardeal, ou até mesmo o papa, mas fora o próprio Cristo que lhe dera a ordem. Devemos perceber que para alguém como aquele jovem sacerdote do século XIX o sentido de autoridade era bem mais solidamente construído. Ou seja, quanto a nós no mundo contemporâneo, como afirma Sartre “estamos condenados a tomar nossas próprias decisões”, Cícero estava condenado a fazer ou não fazer a “vontade de Deus”. Agir de acordo com a vontade de Deus estava, portanto, longe de ser um “atentado a liberdade humana”, mas era a condição de sua salvação.

“Esta fala do Sagrado Coração, “enquanto a ti, toma conta deles” pode ser lida como significativa de uma vontade superior a ser cumprida. Isto assim ocorreria dentre outros motivos por que estamos

de todo o mal, e livrando-os do pecado, e ao louvar o seu Sagrado Coração, o devoto seria ajudado a se livrar das chamas do inferno e o livraria dos males terrenos.

falando de um sujeito –Pe. Cícero- que fazia parte de uma sociedade onde o valor dado a obediência e a vontade superior contrasta de forma significativa com o valor que, em nosso tempo, damos ao princípio do livre arbítrio.

Outro ponto importante a considerarmos é que os desdobramentos da história de Padre Cícero, inclusive a ação sócio-político-religiosa que ele veio a ter no Juazeiro, terminaram, muitas vezes, dando margem para que a fala do Sagrado Coração fosse interpretada como uma orientação profética; isto é, indicava que ele haveria de cuidar das necessidades espirituais e materiais dos pobres sertanejos que futuramente ali iriam chegar.” (Braga, 2007: p. 114)

1.3 Sangue no altar, o Milagre da Hóstia.

Durante os anos que sucederam esse sonho, Cícero tentava por em prática a sua missão - esta que lhe foi confiada pelo próprio Cristo – construções de cisternas, conselhos para que não atestassem fogo na mata seca, plantar árvores, rezar pela conversão eram tarefas rotineiras daquele jovem sacerdote. Porém os contornos que a história de Juazeiro toma se devem a um evento que se estabeleceu como um divisor de águas na história de Cícero e de Juazeiro.

Sabemos que a vida de Cícero já apresentava alguns eventos místicos, como no caso dos seus sonhos premonitórios. Entretanto algo maior estava para acontecer em sua vida, um fatídico momento que o ergueria aos altares da fé popular, que lhe traria a fama de santo.

Como já fora supracitado, rezar pela conversão do mundo era algo rotineiro na sagrada missão do sacerdote. E foi enquanto realizava uma vigília, no dia 1º de março de 1889, durante a Quaresma, pedindo ao altíssimo, perdão pelos pecados do mundo que o Milagre aconteceu. Vejamos o relato escrito por Lira Neto:

Naquela noite escura e sem lua, quem olhasse para a capela de Nossa Senhora das Dores avistaria, já de longe, o lampejo das centenas de velas acesas cortando o breu. O forte cheiro de cera derretida e o adiantado da hora indicavam que os membros da irmandade de beatos, cerca de vinte deles, haviam passado mais uma

madrugada inteira em vigília, em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, pedindo perdão a Deus. Meia hora antes do amanhecer, quando os galos se preparavam para anunciar outra escaldante manhã de sol no sertão, Cícero decidiu que as sete ou oito mulheres ali presentes mereciam receber a comunhão antes dos homens, para retornarem às respectivas casas. Elas precisavam descansar o corpo fatigado de tão prolongada sentinela em nome da fé. Com véu escuro sobre a cabeça e o alvo rosário entrelaçado nas mãos magras e morenas, as beatas atenderam ao chamado e se aproximaram em fila indiana, uma a uma. À frente delas, ia Maria de Araújo. Com os olhos fechados, ela foi a primeira a se postar diante do padre e entreabrir a boca, contrita. Contudo, quando a hóstia lhe tocou a língua, a beata abriu e revirou os olhos espantados. Parecia ter entrado em estranho transe. E foi então que se deu o fenômeno: segundo chegariam a jurar sobre a Bíblia as testemunhas ali presentes, a hóstia na boca de Maria de Araújo mudou de forma e de cor. Transformou-se, inesperadamente, em sangue vivo.

O fio de sangue desceu dos lábios da mulher e, como ela tentasse contê-lo, este lhe banhou o dorso da mão esquerda. Depois, escorreu ao longo do braço, até cair no chão da capela, que ficou respingado de vermelho. Com ar aflito, a beata mirava e mostrava ao padre uma toalhinha branca dobrada nas mãos, tingida pelas manchas rubras que haviam transbordado da boca e que ela depois procurara enxugar. Foi um alvoroço sem par. Quando os primeiros raios de sol aqueceram a alvenaria da fachada principal do templo, a notícia já corria pelo povoado, na branca capela de Nossa Senhora das Dores, entre os lábios da Beata Maria de Araújo, a hóstia consagrada pelo Padre Cícero havia se materializado no corpo, na carne e no sangue divino de Jesus. Sangue que, a exemplo do que ocorrera dois milênios antes e no alto da Cruz, estaria sendo derramado para lavar os pecados e as dores dos homens. (NETO, Lira, 2009, p.65-66)

Aqui estava dado todo o cenário que iria revirar a história do Estado do Ceará. Mas não parou por aí, o milagre se repetiu por meses, nas quartas ou sextas-feiras, desafiando os descrentes. No sábado de Aleluia daquele ano, o fenômeno também se repetiu, entretanto nessa ocasião, a quantidade de sangue que foi transbordado da boca da beata, foi tanto que ensopou o corporal - pano branco que cobre o cálice - e transbordou na patena – uma espécie de prato, no qual se deposita as hóstias - tais eventos não tardaram de transpor os limites do vilarejo e rapidamente percorrer as estradas e veredas do sertão. A notícia era essa: em Juazeiro aconteceu um milagre! Seu solo é local sagrado!

De acordo com Lira Neto (2009), os moradores das cidades e localidades da redondeza começavam a se dirigirem para Juazeiro movido pela

devota curiosidade, sobre o sangue de Cristo que respingava no agreste do Ceará. Então, no dia 7 de julho de 1889, no dia em que se celebrava a festa do em honra ao Precioso Sangue de Jesus, que o povoado do Juazeiro viu chegar cerca de 3 mil pessoas, para visitarem o local, essa foi a primeira das romarias que até hoje acontecem. Essas pessoas vinham da cidade do Crato, sob a tutela do novo reitor do seminário, o monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro. Este coordenou uma procissão até a capela onde havia acontecido o milagre e após a missa realizou um sermão no qual exibiu os paninhos manchados de sangue, declarando ser de fato o sangue de Cristo Jesus.

Jornais do país inteiro começaram a noticiar o fato, no Rio de Janeiro, o *Diário do Commercio*, na sua edição do dia 19 de agosto daquele ano anunciou na capital os feitos de Cícero. Dez dias mais tarde foi a vez do *Diário de Pernambuco*, que falava sobre o acontecido de forma mais espalhafatosa, dando conta de grandes caravanas de peregrinos que migravam ao local do acontecido.

É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade, e que esta o comete a seu sabor. Mas o que é certo é que ele foi testemunhado por mais de 30 mil pessoas; e que o Juazeiro tem se tornado uma nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos. Uma nova Jerusalém. A senha estava dada. A serra do Catolé e seu espinhaço de pedra recortando o horizonte do Juazeiro seria o novo monte das Oliveiras. O riacho Salgadinho, que banhava as terras do povoado, o novo Jordão. Jesus Cristo teria escolhido o povo mais simples e o lugar mais remoto do mundo para, sobre ele, derramar de novo sua palavra. (NETO, Lira,2009;p.70)

Neste excerto extraído da obra de Lira Neto, já nos possibilita um panorama de como o milagre que aconteceu em Juazeiro, começava a tomar proporções gigantescas. A igreja como instituição, representada na pessoa do Bispo Dom Joaquim Vieira - segundo bispo do Ceará - posicionou-se a respeito. Inicialmente o prelado pede a Cícero, que ele detalhasse todo o acontecido para que assim, o fenômeno da hóstia, fosse julgado de acordo com as leis da Igreja, em seguida, ordena ao sacerdote que interrompesse

qualquer manifestação a respeito dos fatos ocorridos. Vejamos um trecho da carta enviada pelo Bispo à Cícero, no dia 4 de novembro de 1889:

[...] Sou amigo de Vossa Reverendíssima; confio na sinceridade e na sua ilustração e por isso o julgo incapaz de qualquer embute. Faça-me, com a maior urgência, uma exposição minuciosa de todas as circunstâncias que precederam, que acompanharam e subseguiram o fato, para que eu possa tomar as providências atinentes ao caso. Enquanto espera meu juízo, proíbo expressamente a Vossa Reverendíssima qualquer manifestação a esse respeito.

[...] Parece-me ser grande imprudência chamar atenção do público para a beata Maria de Araújo. Este fato pode trazer a ela sentimentos de vaidade, em detrimento da salvação.

Estou persuadido que Vossa Reverendíssima, ilustrado e piedoso como é, não se escandalizará com esta minha determinação, pois sabe que me incumbe o dever de velar sobre a pureza da doutrina católica. Deixo de fazer mais considerações porque julgo ter explicado bem claramente o meu pensamento. (NETO, Lira, 2009: p.70 - 71)

A carta do Bispo ficou sem a resposta de Cícero, o minucioso relatório que pedira não chegou tudo que sabia sobre o milagre e os seus desdobramentos seria através da imprensa, que não parava de noticiar os fatos miraculosos que ocorriam em Juazeiro. Sendo assim, Dom Joaquim, sentindo-se ludibriado, estava convicto que em Juazeiro se configurava um grande caso de indisciplina, tinha consciência de que a velocidade com que a notícia dos milagres se espalhava unida com as circunstâncias históricas que estavam ocorrendo pelo Brasil, como por exemplo, a derrubada do Imperador Dom Pedro II e a Proclamação da República, que faziam o povo acreditar que seriam aqueles sinais do fim dos tempos, tornavam o terreno fértil para que o sinal miraculoso fosse ainda mais explosivo, como sendo uma resposta dos céus diante daquela situação.

1.4 De Juazeiro a Cidade Eterna, as investigações sobre o milagre.

Diante das circunstâncias e da repercussão dos acontecimentos, não tardou para que o Bispo Dom Joaquim convocasse Cícero para uma audiência na cidade de Fortaleza, na sede do bispado no dia 18 de julho de 1891. Diante do Bispo, do vigário-geral do bispado, monsenhor Hipólito Gomes, e do secretário oficial do Paço Episcopal, Padre Clycério da Costa, Cícero jurou com a mão sobre a Bíblia, falar somente a verdade, ele deveria ter consciência de que seria exposto a um intenso interrogatório.

Quando concluída a sessão de perguntas implacáveis, que apenas serviram para que, o Bispo confirmasse sua opinião, a respeito dos eventos ocorridos em Juazeiro. Dom Joaquim agora estava mais certo do que antes, de que não existiu nenhum milagre, tudo era apenas invenção. A esse respeito, Lira Neto escreve:

Dom Joaquim determinava que, seguindo disposto pelo Concílio de Trento⁸ para casos do gênero, deveria ser aberto um inquérito eclesiástico para investigar, com rigor, os acontecimentos do Juazeiro. Amparado nos dispositivos canônicos, o Bispo procurava evitar quaisquer insinuações de que estivesse sendo intolerante com os protagonistas do episódio. Uma comissão de altíssimo nível, representando diretamente o bispado, seria nomeada para ir ao povoado e proceder a averiguação *in loco*. A investigação deveria ser presidida pelo Padre Clycério da Costa. A comissão tinha uma missão clara: desnudar a presumida fraude que cercaria os fenômenos extraordinários do Juazeiro, Dom Joaquim tinha a mais absoluta certeza de que a iletrada da Maria de Araújo não conseguiria manter sua fama de milagreira diante das investigações. (NETO, Lira, 2009: p.101 – 102)

8 No século XVI, no contexto da Contrarreforma ou da reação da Igreja ao movimento da Reforma Protestante um concílio foi convocado pelo Papa Paulo III, em 1546, na cidade de Trento, na área do Tirol italiano, derivando daí o seu nome, pois o concílio sempre recebe o nome da localidade onde os padres conciliares como são chamados seus participantes se reúnem. Com o surgimento e conseqüente expansão do movimento protestante, muitas ações passaram a atingir a Igreja Católica. Uma reação a esta expansão, comumente denominada “Contrarreforma” foi guiada pelos papas Paulo III, Júlio III, Paulo IV, Pio V, Gregório XIII e Sisto V, buscando combater a expansão da Reforma Protestante e ao mesmo tempo fortalecer a Igreja. Além da reorganização de várias congregações religiosas já existentes, outras foram criadas, dentre as quais a Companhia de Jesus ou Ordem dos Jesuítas, tendo como fundador Santo Inácio de Loyola. Mas, sem dúvida alguma, a reação mais forte da Igreja se deu a partir do momento em que começaram a ser publicadas e colocadas em prática as decisões conciliares.

Depois de um longo mês de trabalho entre agosto e setembro, a comissão encerrou as investigações. Os relatórios finais incluíam 23 depoimentos, descrições detalhadas de cinco verificações das transformações da hóstia, relatórios dos peritos médicos que foram chamados para compor a comissão, continha também, relatos de milagres que ocorriam em Juazeiro durante o período de inquérito. Por fim, o relato concluía que, de fato ocorriam milagres em Juazeiro, e Cícero não estava mentindo. Mas para o Bispo Dom Joaquim, este ainda não era o fim, ainda não desistira da missão de desmascarar os supostos milagres que ocorriam em Juazeiro. Então, como última cartada, enviou o caso de Cícero para ser investigado pelo Tribunal do Santo Ofício⁹, em Roma.

Antes de deliberar a respeito, Dom Joaquim ordenou que Cícero enviasse todos os panos que foram embebidos em sangue durante os milagres ao vigário-geral do Crato, o Padre Alexandrino. Dando oito dias para que Cícero o fizesse, ordenava ainda que, não contasse a ninguém a respeito dessa decisão. Depois de muito hesitar, Cícero cedeu e levou, no dia 3 de março, numa quinta-feira à meia noite, para que ninguém o seguisse, chegou ao Crato, com a urna enrolada em uma toalha.

Entretanto, não houve tempo para que o Bispo celebrasse a vitória, antes mesmo de Alexandrino informá-lo, descobriu que algo muito grave acabara de ocorrer. Alguém, sorratamente durante a noite, entrara na igreja, arrombou a portinhola do sacrário, e levou todos os paninhos manchados de sangue. Somente foram levados os paninhos, nem os castiçais de ouro e prata, nem os objetos de metais preciosos foram roubados.

9 O Tribunal do Santo Ofício era uma instituição eclesiástica de caráter "judicial", que tinha por principal objetivo "inquirir heresias" - daí também ser conhecido como Inquisição. As origens desta instituição podem ser encontradas na Idade Média, embora nesse período da História assumisse contornos bem distintos dos desta instituição na época moderna.

A repressão dos movimentos heréticos desde sempre foi uma preocupação que afligia tanto os senhores laicos como os senhores eclesiásticos. De início, a Igreja era a responsável pela punição espiritual dessas heresias, que em casos extremos eram reprimidas com a excomunhão dos infratores, excluindo, portanto, a repressão violenta.

Ao ser informado do fato, Dom Joaquim não hesitou em suspender as ordens de Cícero, ele seria o principal suspeito do fato, estava fora da igreja, e sabia, que fora da igreja, não há salvação. Também fora proibido de estabelecer qualquer pregação dentro dos territórios eclesiásticos, o que fez com que Cícero mudasse do púlpito, para a janela de sua casa, onde conversava com os romeiros. Decidiu ainda, enviar de vez um relatório para que a inquisição tomasse as devidas providências e confirmasse sua decisão.

Foi no dia 4 de abril de 1894 que o Tribunal do Santo Ofício expediu sua decisão em forma de decreto, carta extraída do livro de Lira Neto:

Decreto

Na congregação de quarta-feira, 4 de abril de 1894, discutidos os fatos que sucederam no Juazeiro, diocese de Fortaleza, os Eminentíssimos e Reverendíssimos padres da Santa Igreja Romana, cardeais inquisidores gerais, pronunciaram, responderam e estatuíram o seguinte:

Que os pretensos milagres e outras coisas sobrenaturais que se divulgam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia; Por isso, o juiz apostólico os reprová, e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados, cumprem serem havidos.

Mas para dar cabo de tais excessos e a tempo de evitarem maiores males, que deles podem nascer, decide-se:

1) À Maria de Araújo seja imposta uma grave e longa penitência, e o quanto antes seja colocada em uma casa piedosa ou religiosa, onde permaneça à critério do Bispo, sob a direção de um confessor piedoso, prudente e instruído sobre os antecedentes dessa mulher.

2) O Bispo de Fortaleza e os outros bispos do Brasil proíbam por todos os meios ao seu alcance o concurso de peregrinos, ou as visitas e acessos dos curiosos à Maria de Araújo e as outras mulheres inclusas na culpabilidade da mesma causa.

3) Quaisquer escritos, livros ou opúsculos publicados ou por publicarem-se em defesa daquelas pessoas ou daqueles fatos, tenham-se por condenados e proibidos, e sejam o quanto possíveis, recolhidos e queimados.

4) Todo e cada um dos sacerdotes, bem conhecidos do Bispo, tanto os que trataram de modo execrável a Santíssima Eucaristia como os seus cúmplices, sejam obrigados a exercícios espirituais pelo tempo determinado pelo Bispo e, de acordo com a gravidade do crime, sejam pelo mesmo, punidos gravemente, ficando proibido qualquer relacionamento deles, com a citada mulher, nem mesmo por carta. Seja-lhes proibida também toda direção das almas, pelo tempo e a maneira que forem determinados pelo Bispo.

5) Tanto aos sacerdotes como aos leigos, sejam-lhes defeso tratar por palavras ou por escrito, os pretensos milagres supracitados.

6) Os panos ensanguentados e as hóstias de que se falou, e de todas as outras coisas ou relíquias conservadas, o mesmo Bispo as tome, e as queime.

Congregação do Santo Ofício
Cardeal Monaco

(NETO, Lira, 2009: p. 192 – 193)

A decisão do Vaticano era clara. Maria de Araújo deveria sair do Juazeiro, as romarias estavam estritamente proibidas, Cícero e seus apoiadores seriam punidos, e por fim, os paninhos, destruídos. Mas Cícero não havia desistido, agora, restava-lhe recorrer à suprema autoridade da Igreja Católica, o Papa Leão XIII. E então no dia 10 de fevereiro de 1898, Cícero saiu do porto de Recife rumo à Europa, chegando o dia 24 de fevereiro no porto de Gênova, onde partiu para a Roma, chegando no dia 25.

Cícero chegava à Cidade Eterna em busca de redenção e de ver suas ordens reestabelecidas. Padre Cícero, planejou durante muito tempo a forma que deveria se portar diante dos inquisidores, pois, sua intenção maior era sair absolvido diante das acusações, Lira Neto nos relata sobre o comportamento de Cícero diante das investigações:

[...] Por isso, ao longo das cinco sessões do interrogatório, no Palácio do Santo Ofício, mostrou-se um homem cauteloso e reverente. Acima de tudo, declarou que se submeteria de forma incondicional a qualquer que fosse a decisão do tribunal. Para ele, estava claro, o mais importante naquele instante não era fincar pé, tentar convencer os cardeais a endossarem o alegado milagre da hóstia. Interessava mais

a Cícero, a partir daquele ponto, recuperar as prerrogativas sacerdotais que lhe haviam sido suspensas. Esta passara a ser sua causa. Queria voltar ao Brasil revestido do direito eclesiástico de rezar missa, celebrar sacramentos, e poder voltar a residir no Juazeiro. Se fosse preciso sufocar as próprias convicções em nome disso, não hesitaria em fazê-lo. (NETO, Lira, 2009: p. 255)

Passado algum tempo, no dia primeiro de setembro, Cícero foi chamado ao Palácio do Santo Ofício novamente, os inquisidores tinham seu veredito, a condição para que Cícero fosse perdoado era de que, estavam proibidos qualquer menção aos acontecimentos passados que sucederam em Juazeiro, além disso, Cícero não podia mais pregar a palavra de Deus nem ouvir confissões, e se possível, partisse da diocese do Crato. Quando questionado se aceitaria tais imposições, Padre Cícero não teve escolha, não havia meio-termo, essa seria a única chance de retornar para a Igreja, e no dia 5 de setembro, foi autorizado a rezar missa em Roma, na igreja de San Carlo al Corso, além disso, através da intermediação da embaixada brasileira na Santa Sé, Cícero conseguiu uma audiência com o Papa Leão XIII, na qual ofereceu um rosário de ouro da Santíssima Virgem, e pediu que benzesse dois crucifixos, um para o Bispo Dom Joaquim, e outro para o Bispo de Olinda, Dom Manoel.

Porém, ao voltar ao Brasil, Cícero se deparou com Dom Joaquim ainda irreduzível, mesmo que o direito de Cícero de celebrar missa estivesse reestabelecido, o prelado o proibiu de celebrar em Juazeiro e nas proximidades, poderia celebrar em qualquer outro lugar, menos naquela região. Decisão que abalou Cícero profundamente, pois, era como se todo o esforço da viagem à Roma tivesse sido em vão. E em 1916 foi excomungado pela Igreja Católica, aos 72 anos de idade.

1.5 O Padre Cícero entre o altar e a política.

Como não é o enfoque de nosso trabalho, abordaremos apenas as questões mais salientes da trajetória política de Cícero. Em primeiro lugar,

deve-se ter em mente que, devido a sua fama, e o poder que Cícero passou a exercer sobre os sertanejos, não é de se estranhar que em algum momento ele acabasse se envolvendo na política. Porém, esse envolvimento passou a ser de forma direta.

O primeiro envolvimento do Padre com questões ligadas a política, foi com relação a uma mina de cobre, que se localizava em uma região denominada Coxá¹⁰, em 1908. Surgiu a notícia de que, nesse local, existiriam extensas jazidas de cobre, Cícero então, toma a dianteira com a intencionalidade de adquirir tal mina, para que ela viesse a ser um patrimônio de uma futura diocese em Juazeiro, e se isso viesse a acontecer, sua reconciliação com a igreja, se daria de uma forma mais simples e fácil.

Foi durante esse envolvimento que Floro Bartolomeu¹¹, que estava alojado na vila, sobre os cuidados de Cícero, desempenhou um papel fundamental na luta pela posse de Coxá. A trama se desenrolou de forma violenta, envolvendo ameaças, confrontos armados e capangas, tanto ligados a Cícero e Floro quanto aos coronéis do Cariri. A questão de Coxá terminou com a derrocada de Cícero, que não conseguiu adquirir a mina, e mais tarde viu o Crato tornar-se a segunda sede episcopal do Ceará.

Com o advento das romarias, levando grande afluxo de romeiros para Juazeiro, transformando-o em um importante centro do Cariri cearense, mesmo ainda sendo distrito do Crato, o crescimento de Juazeiro, não tardou em

10 Sobre esse envolvimento ver: MONTEIRO, Douglas Teixeira, Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestados IN: FAUSTO, Boris (dir.). III. O Brasil Republicano. 2 Sociedade e Instituições (1889-1930). 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p 40 - 85.

11 Floro Bartolomeu da Costa nasceu em Salvador no dia 17 de agosto de 1876. Seu irmão Antônio Batista dos Anjos foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Formando-se também médico, clinicou durante algum tempo pelos sertões baianos, mas em 1908, acompanhado do conde francês Aldolfovan Den Brule, especialista em mineralogia, viajou ao então povoado de Juazeiro, no sertão do Ceará, local onde, segundo se ouvia falar, existiriam preciosas minas. Logo acercou-se de pessoas influentes do local, entre elas o padre Cícero Romão Batista, do qual se tornou o orientador político em que o padre depositava inteira confiança. Fonte: NETO, Lira, Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

levantar as questões relativas à sua independência. O agravamento das tensões entre Juazeiro e Crato aconteceu em 1909, sobre isso, Douglas Teixeira Monteiro relata:

[...] Resumindo-o pode-se dizer que originou uma acerbada polêmica entre jornais dos dois lugares e, da parte dos juazeirenses, o boicote econômico contra a cidade vizinha, bem como a recusa em pagar impostos. Repercutindo na Assembleia Estadual, que, formalmente, deveria decidir sobre o assunto, a questão aproximou-se perigosamente de uma luta armada, tendo sido enviado a Juazeiro um batalhão da polícia para “manter a ordem”. Apoiados em grande mobilização popular e contando com a ajuda de “coronéis”, de outras vilas, adversários do chefe político cratense, Cícero e Floro – este último, de modo ostensivo – levaram a frente o conflito, que veio a prolongar-se até 1911. Uma divisão interna no Crato (comerciantes, liderados pelo chefe político, contra grandes fazendeiros), somado aos temores da oligarquia dominante no Ceará, de perder suas bases políticas no sertão, deram ganho de causa a vila que, desde então, passou a ter condição de município autônomo. Como era de esperar, Cícero tornou-se o seu primeiro prefeito. (MONTEIRO, Douglas Teixeira, 2004: p. 55 – 56).

Sobre o seu intenso envolvimento com a política, (BRAGA,2007) afirma ter sido uma saída encontrada pelo padre, para que sua voz pudesse ser ouvida pelas altas instâncias católicas, já que no campo religioso sua fala havia sido sufocada. Contudo, outros historiadores como DELLA CAVA (1970) nos apresenta outra face do santo cearense, a sua batina agora se arrastava sobre o terreno arenoso da política, absolvendo o título de coronel, atuando como o primeiro prefeito da cidade do Juazeiro por quase duas décadas, vice-presidente da província do Ceará, e embora não exercendo o mandato devido sua idade já avançada, foi eleito deputado federal.

1.6 O fim da peregrinação do Santo e o início poderoso das romarias.

Parece-nos fatídico, que o fim dessa “procissão teórica” seja a morte do Santo do Juazeiro, mas ao contrário, é aqui que tudo se abre, que mais e mais linhas de pesquisa se anunciam, pois para o bom cristão, e para um bom historiador, morrer não é o fim, é apenas o início. Mas para falarmos do pós-morte de Cícero, vamos recorrer a narração que Antônio Mendes Braga faz no dia de sua morte, baseada na carta de Amália Oliveira (2001: p. 358 – 362) na qual ela relata aos seus parentes a morte do Padre, esta autora foi testemunha de todos aqueles acontecimentos:

Desde a manhã do dia anterior, Padre Cícero convalescia em sua cama. Ao final da tarde, seu quadro clínico havia piorado consideravelmente. Eram duas horas da manhã do novo dia. Naquele momento a dor não o incomodava. Dr. Mozart, seu médico, havia lhe dado uma injeção de morfina. Porém, pouco tempo depois, o efeito da droga tinha passado. E o sofrimento físico voltara com intensidade. Ele pediu mais algum remédio para aliviar a dor, mas o médico confessou que já não havia mais nada a fazer. Já tinha passado das cinco horas da manhã, quando ficou claro que aqueles seriam os últimos minutos de vida do Padre.

Pouco depois, já quase sem forças, Pe. Cícero levantou o braço, e traçou três cruces para todos os lados, abençoando o povo do Juazeiro e seus romeiros. Terminada a benção, deram-lhe um crucifixo e uma vela, ele abraçou crucificado, e perguntou baixinho pela beata Mocinha: “Joana?”, a beata respondeu, disse que estava ali, ao seu lado. Pe. Cícero virou-se para ela, apertou sua mão e, falou: “No céu pedirei a Deus por vocês todos”. Fora sua última frase perfeitamente audível, para tudo mais quase sem forças respondia: “Nada, nada, nada...”. Já não sentia mais, não precisava de mais nada. A beata Bichinha aproximou-se para se despedir. O Padre virou-se para ela, mas seus olhos já estavam embaçados, seus sussurros já eram quase incompreensíveis. Parecia dizer “Meu Pai, Meu Pai”. Sua respiração foi diminuindo, diminuindo, diminuindo... Eram seis horas da manhã do dia vinte de julho de 1934 quando deu seu último suspiro, seus olhos se fecharam. Padre Cícero morreu. (Braga, 2007: p. 354 – 355)

Essa narrativa parece ser o ponto final de uma história, além, é claro, de ser o ponto final de uma vida. Uma vida que se transfigurou em uma existência extraordinária, de um ser extraordinário. Certa vez perguntou o professor John

Keating (interpretado por Robin Williams) do filme *A Sociedade dos Poetas mortos*: “quantos de vocês fizeram de suas vidas, uma vida extraordinária?” Certamente, se Padre Cícero estivesse entre seus alunos, poderia responder com propriedade positivamente a essa pergunta.

Mas como em tudo na vida de Cícero se fez excesso, e extrapolou a margem das letras e das narrativas convencionais, o Padre do Ceará extrapolou a vida, sua morte configurou-se não em um ponto final, mas em um início de outras várias histórias. Desde o momento de sua morte, Juazeiro mergulhou numa comoção geral, e ao contrário do que muitos pensavam que este seria o fim da cidade, pois não poderia viver sem seu patriarca, o afluxo de romeiros que correram e ainda correm para Juazeiro, aumentou consideravelmente após sua partida. Hinos, benditos, orações foram elaboradas justamente depois de sua morte, e enganaram-se aqueles que pensavam que Padre Cícero teria abandonado sua cidade, seu espírito continuou vivo, ecoando em cada recanto, em cada estabelecimento, em cada igreja, mas acima de tudo, em cada romeiro e peregrino que se dirige para lá. Sua alma não partiu de definitivo, apenas migrou, apenas fez uma outra espécie de romaria, se antes seus peregrinos pensavam em ir a Juazeiro para encontra-lo com vida, e pedir sua benção, agora vão em busca de milagres e de conforto, já que seu santo patriarca, está junto de Deus e de Nossa Senhora olhando pelos seus, protegendo os seus, e com atenção especial para sua estimada cidade.

Porém, antes de seguirmos, imaginemos a cena pós-morte do Padre na cidade de Juazeiro, a notícia rapidamente se espalha, um clima de tristeza e profunda comoção se apoderam das pessoas, o corpo de Padre Cícero é colocado em sua sala, todos queriam tocá-lo. Choros, lamentos, gritos de dor, a pequena casa já não suportava tamanha multidão, Juazeiro virou um grande corre-corre, pessoas de diversas partes se amotinavam na frente de sua casa. Segundo os relatos da época, tiveram a iniciativa de colocar o féretro na janela, esses mesmos relatos dão conta de que, devido à posição quase vertical houve gente que chegou a gritar, “meu Padrinho retornou”, porém, a euforia durou pouco.

Que espetáculo horróroso, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas afora, chorando, gritando, arrependendo-se... Foi então que se soube... O Padre Cícero falecera... Eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos, como toda aquela gente, em direção à casa desse homem, que não teve igual em bondade e nem teve igual em ser caluniado. (Lourival de Melo Marques, citado por Edmar Morel)

O corpo do Padre Cícero ficou exposto a vigília desde a manhã da sexta-feira, no dia 20 de julho, até a manhã do sábado, imaginemos portanto o tamanho da comoção que se apoderou dos corpos em Juazeiro, basta perceber que, hoje, todo dia 20 de cada mês, se celebra a missa em honra ao Padre Cícero, e a comoção é geral, lembrando sempre o que aconteceu naquela sexta-feira, Diniz (1935) nos conta, os romeiros expressavam sua angústia e tristeza: “Meu Padim Ciço morreu! Minha Nossa Senhora das Dores! Ai! Que será de mim?”. Os relatos dão conta de que, o telégrafo da cidade não parou um segundo, a notícia se espalhava para todo o Brasil, Juazeiro foi tomado por enxurradas de pessoas a pé, de carro, a cavalo e de caminhão, alguns falam em 30 mil pessoas nas ruas, outros 60, uns falam em outros 80 mil, como a duplicar o tamanho do Juazeiro.¹²

Nesse mesmo clima, às sete horas da manhã no sábado, iniciou-se o cortejo do enterro do Padre Cícero, o corpo deveria sair de sua residência e ir até a Capela do Socorro, onde seria sepultado, seu caixão, ao sair de sua casa, foi erguido nos braços do povo, mais uma vez a confusão foi generalizada, todos queriam tocar em seu caixão, todos queriam se aproximar, um grupo de legionários protegia o féretro, e ao entrar na igreja, o choro foi quase que ensurdecador. Todos concordam que aquele cortejo, foi sem precedentes na história do Cariri, todo o evento durou cerca de uma hora e meia, depois de feito os ritos fúnebres, o corpo foi colocado na tumba dentro da igreja, e ali jazia, na Capela do Socorro de Juazeiro do Norte, o Padre Cícero Romão Batista.

12

Para elaborar esta cena, e a próxima cena, foram necessários dois textos, o texto de Diniz (1935: p. 164-170) e o de Della Cava (1985: p. 310-312)

Mas como em tudo que envolve Cícero e a cidade do Juazeiro, como já citado acima, extrapola a normalidade, faz-se excesso e vai para além do que é físico, pois Juazeiro habita no que é maravilhoso, seus eventos são fortemente marcados pelo misticismo, não poderia ser diferente no caso da morte de Padre Cícero. Narrativas dão conta de um evento ainda mais extraordinário, mesmo após sua morte, eventos que nos levam a pensar novamente sobre o lugar de Juazeiro na sua geografia como numa Terra Santa, e os seus eventos como repetições dos eventos e sinais bíblicos, Padre Cícero, mesmo após sua morte fez-se sentir sinais quase que proféticos, como que extraídos do antigo testamento da Bíblia, vejamos por exemplo a narrativa coletada por Candace Slater:

“No dia que meu padrinho mudou-se (morreu), o senhor bispo veio do Crato com os empregados dele para levar o corpo daqui. Chegou lá por meia-noite, para ninguém ver... Ainda me lembro daquele dia do enterro que era tão triste, tão triste. (...) Pois, então, só depois do enterro, quando as pessoas já tinham saído é que o senhor bispo veio roubar o corpo dele. Mas não podia, pois não tinha nada para ele levar. Quando ele abriu o caixão, só tinha um monte de rosas.”
(Slater, 1986: p. 250)

Em primeiro lugar, surge aqui um questionamento, por que o bispo teria ido à Juazeiro para roubar o corpo de Cícero? Não se sabe suas reais intenções, o que nos resta são suposições. Era notório o receio por parte do prelado católico, sobre os fatos que sucederam em Juazeiro, e por isso um medo de que o corpo de Cícero se tornasse alvo de veneração por parte dos devotos, mesmo ele sendo um excomungado. Além disso, aquele homem representava uma afronta ao poder hierárquico da fé católica, pois as instâncias eclesiásticas não conseguiram frear a devoção do povo, mesmo assim estava sepultado na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lira Neto atribui tal feito ao fato de que, por pedidos da própria Igreja na pessoa do núncio apostólico no Brasil, dom Benedetto Aloisi Masela, deixasse sua herança para a instituição. NETO (2009) nos conta que Cícero aceitou o pedido, deixando uma quantia de 340 contos de réis, em dinheiro e propriedades para a Igreja, na esperança de uma reconciliação, assim poderia

descansar em paz. Reconciliação esta, que acabou não acontecendo, pelo menos até 13 de dezembro de 2015, quando o Papa Francisco o fez.

Conforme já foi falado, a semelhança com as narrações bíblicas são marcantes, o fato de o Padre Cícero ter morrido na sexta-feira para o sábado nos faz lembrar a própria morte de Cristo, e mais ainda, existe uma relação clara com a ressurreição de Jesus, narrada em Mateus, 28; Marcos 16; Lucas 24 e João 20, semelhança marcante pelo fato de justamente no sábado, quando o bispo tentou retirar o corpo --talvez tentando evitar uma veneração-- assim como fizeram as mulheres ao se encaminharem ao sepulcro de Cristo, no sábado de madrugada e lá, nada encontraram. Devido a essa crença e a esse fato maravilhoso, alguns romeiros mais antigos alimentam a crença de que o Padre Cícero não morreu, que continua vivo, protegendo Juazeiro.

Mesmo sem levarmos em conta essa crença, em seu sentido mais original, de que o Padre Cícero ainda permanece guiando e cuidando dos seus romeiros, é notório perceber que em Juazeiro sua presença continua mais viva do que nunca, mesmo passado mais de 70 anos de sua morte, basta irmos a cidade, em qualquer época do ano, e com mais força durante as três romarias mais fortes que ocorre anualmente, no caso, no dia 20 de julho, que celebra a morte do Padre Cícero, em setembro, festa de Nossa Senhora das Dores, ou no dia 2 de fevereiro, na festa de Nossa Senhora das Candeias. Aí vamos perceber a vitalidade e a força, faço uso da canção de Luiz Gonzaga, “Olha lá, no alto do Horto, ele tá vivo, o Padre não está morto.”.

Essa vivência e essa vitalidade, que Juazeiro tem mesmo depois da partida de seu Patriarca, se deve a força dos romeiros, estas pessoas com suas devoções populares mantêm viva a chama da fé que é a grande característica da cidade do Cariri cearense. Em outras palavras, as crenças no ritual dos romeiros de fazer as promessas e irem pagá-las e, depois de pagas, sempre regressarem ao Juazeiro, permanece vivificando a cidade, ganhando novos contornos, novos aderentes, e sempre que se vai ao Juazeiro, rostos novos se fazem surgir, novos devotos, novos romeiros, novos afilhados do Padrinho Cícero, todos impelidos pela fé, na crença de um milagre do Santo Patriarca.

Podemos afirmar, portanto, que Juazeiro como lugar sagrado se torna isso em grande parte, pela presença especial, em primeiro lugar, do Santo Padrinho, e em segundo, dos romeiros, presença esta, que se materializou e que continua a se materializar em relíquias, em imagens sacras, em vestimentas, e nos rituais, que ano após ano são repetidos pelos peregrinos que por ali passam. E são esses peregrinos que tem a capacidade de erguer uma memória ¹³, sobre essas relíquias e sobre essas imagens, as vivificando e as tornando parte da sua fé, tanto na sua crença, quanto nas suas práticas religiosas.

13 Ao trabalhar o conceito de memória, Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória* (1988) nos afirma que o conceito de memória nos remete a um fenômeno individual e psicológico, que faz com que o homem possa atualizar suas impressões e informações passadas. Para Le Goff, a memória como propriedade de conservar certas informações nos transmite em primeiro lugar um conjunto de funções psíquicas, graças a estas, o homem pode sempre atualizar o que ela representa como passado. Para o autor, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder, para ele, o interesse em tornar-se senhor da memória e detentor do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. De acordo com Le Goff, a escrita permite a memória coletiva um duplo progresso, desenvolvimento de duas formas de memória, a primeira é a comemoração, a celebração através de um movimento comemorativo, de um acontecimento memorável. A memória assume então uma forma de inscrição e suscitou na época moderna uma ciência auxiliar de história, a epigrafia. Já a segunda forma de memória é o documento escrito. O autor ressalta que é importante notar que todo documento tem em si um caráter de monumento, e não existe memória coletiva bruta. Sobre os conceitos de memória em Le Goff, ver: LE GOFF, Jacques, 1924 *História e memória*, tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

CAPÍTULO II: JUAZEIRO DO NORTE, CIDADE SAGRADA, A NOVA JERUSALÉM.

2.1 Sacris locis.

Se olharmos Juazeiro de uma perspectiva cética, e puramente econômica, nós veremos um lugar de emaranhados de tramas e astúcias bem planejadas, de seus beatos e peregrinos, um espaço que surgiu envolto em conflitos e disputas no campo religioso e político. Entendemos o espaço como sendo um lugar que se constrói através das práticas de quem o compõe e dos sujeitos que por ele caminham (CERTEAU, 1994: p. 201).

O trabalho do historiador Mircea Eliade,(1993) no campo religioso é extremamente importante para entender dois conceitos distintos o do sagrado e profano. Para Eliade, o que é sagrado está imerso no campo do sobrenatural, um contraponto do que se conhece como “Realidade natural”, onde justamente o profano acontece, ai está a primeira definição dos termos, o sagrado se opõe ao profano, nas palavras do historiador supracitado [...] O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, mostra-se como algo absolutamente diferente do profano” (2001: p. 16).

Admitindo essa concepção, o que é sagrado é justamente aquilo que rompe com o que é natural, o mais formidável é que ele acontece no plano para além do real, em contato direto com o divino, onde a palavra e a escrita não alcançam, onde os eventos não estão sujeitos a cronologia, as leis físicas, as leis humanas, enfim. Entender, ou pelo menos ter essa percepção do sagrado, só é possível para um ser religioso que é capaz de transcender ao espaço natural. Faz-se necessário compreender também, que o espaço sagrado não é homogêneo ele apresenta rupturas, pois é diferente em determinados pontos, isto por não obedecer as leis “naturais”, é um espaço liso, usando o conceito Deleuze ¹⁴, ou seja, não podemos entender Juazeiro

como um espaço imutável, ele é lugar de mudanças constantes, lugar onde a festa religiosa convive com as festas profanas, lugar em que essas convivências se estabelecem. Pois de acordo com o estudo de Eliade, nesse espaço se faz uso de uma hierofania – uma manifestação do sagrado – que inaugura um espaço como centro de sacralidade, pois, “toda hierofania¹⁵, sem distinção alguma, transfigura o lugar que lhes serviu de teatro: de espaço profano que era até então, tal lugar ascende à categoria de espaço sagrado” (1993: p. 295). Ou seja, o lugar profano, como por exemplo, o comércio, que de acordo com Deleuze seria um lugar estriado, pois nele se configura a permanência do comércio em sua essência – a compra e a venda – em Juazeiro, se transfigura em uma metamorfose eficaz, afinal, nas casas de comércio em Juazeiro, adentrou o sagrado, através da imagem do Padre Cícero, da devoção dos comerciantes, e da fé dos romeiros. Neste caso específico, o próprio comércio auxilia na construção de toda uma áurea mística por todas as localidades na cidade, como nos relata a Romeira 1 (56 anos):

O comércio é muito bonito por que toda casa no Juazeiro tem uma imagem do Padre Cícero, muito linda a devoção do pessoal, principalmente no “Juazeiro” que a gente fica, no “Juazeiro de romaria”, porque Juazeiro existe duas partes, né? Tem o Juazeiro dos ricos e o Juazeiro dos romeiros... Aquela praça do Juazeiro é a coisa mais linda, onde se encontra os romeiros que vão pra ali à noite tomar um sorvete, tomar um refrigerante, conversar, é muito lindo, eu gosto demais dessa viagem...

Aqui utilizamos os conceitos de espaço liso e espaço estriado de Deleuze. O espaço liso é o campo/tempo povoado de intensidades, ventos, ruídos, afetos ainda não codificado. O liso é um espaço amorfo, rizomático, heterogêneo. O espaço estriado obedece a uma estrutura, tem um roteiro que implica o conhecimento de leis e procedimentos, é métrico, racional. Nele habita as grandezas, as medidas, o cronometrado. Sobre essa diferenciação ver: DELEUZE, Gilles. Mil-Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v. IV. SP: Editora 34, 1997.

A manifestação de uma hierofania qualquer irá, pois, criar no espaço uma rotura que sacralizará o espaço construindo-o para o homem religioso como o “Centro do Mundo”, um centro de sacralidade por excelência, pois “toda experiência religiosa da não-homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’” (ELIADE, 2001: p. 26).

É neste espaço em que é facilitada a aproximação íntima entre o ser, de natureza humana, e o ser, de natureza divina. Mas isto não surge de forma aleatória ele é tecido por inúmeras formas de “fazer e dizer” o sagrado, das “mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sócio-cultural” (CERTEAU, 1994: p. 41), questão que será discutida mais adiante.

2.2 A Meca dos sertões.

Ao falarmos de cidade sagrada, em Juazeiro, é necessário quase que um estudo topográfico de suas localidades, ao adentrarmos no município percebemos que cada local com sua especificidade nos remete ao sagrado, ou nos lembra alguma passagem da vida de Cícero, chama-nos atenção, por exemplo, que até mesmo os telefones públicos da cidade tenham o formato do chapéu tradicional utilizado pelo Santo Sacerdote, estruturas como o posto policial localizado na praça central da cidade contenha também insígnias características do Padre Cícero, como o chapéu e a bengala.

Para, Merleau-Ponty, o espaço não é um meio “real e lógico” sobre o qual estão dispostas as coisas, antes o espaço é: “[...] o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos o espaço como uma espécie de éter onde todas as coisas estariam imersas, devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões” (1999: p. 328).

Sendo assim, o lugar é também constituído, pelas vivências e as relações dos sujeitos que o compõe. Para entender o conceito de espaço fazamos uso da concepção que o entende como: “misturas inextricáveis de dimensões concretas e dimensões simbólicas” (ALBUQUERQUE JR., 2008: p. 82). Ou seja, o espaço não se restringe a uma localidade geográfica delimitada por traços de um mapa, ainda de acordo com Durval Muniz:

[...] frutos das artes e astúcias dos homens que buscam definir fronteiras, estabelecer proximidades, distâncias e separações

entre homens e coisas do mundo, dotá-las de certa ordem, torná-las inteligíveis, lançando mão para isto não apenas das explicações e compreensões racionais, mas também das fantasias, dos mitos, das crenças, dos delírios, das luzes e das sombras (2008: p. 82).

Para esta pesquisa, a cartografia sagrada de Juazeiro foi um dos eixos dos questionamentos, pois ao se tratar de uma investigação historiográfica, a prioridade é conhecer e compreender o contexto histórico em que os fenômenos que marcaram a história do Juazeiro aconteceram.

No caso de Juazeiro, em sua parte setentrional da Serra do Catolé se configura um espaço de destaque, poderíamos dizer, o espaço mais sagrado da cidade, é lá onde está erguida a estátua do Padre Cícero, este pedaço de morro, propositalmente chama-se de Horto, alusão direta ao Horto das Oliveiras, onde Cristo haveria de sofrer, prevendo os estigmas de sua paixão, antes de ser preso e crucificado. Segundo Amália Oliveira (2001. p. 71). Teria sido o próprio Pe. Cícero quem deu o nome de Horto àquele pedaço da serra (Oliveira, 2001. p. 71). Isso teria acontecido já nos primeiros anos de residência do Padre Cícero em Juazeiro quando ainda fazia parte do município do Crato.

A ligação histórica do Horto com os romeiros, e com a própria cidade nos leva ao período em que ocorreu o Milagre da Hóstia, é justamente durante a seca do biênio 1888 – 1889. Devido à gravidade daquele período de estiagem, o Padre Cícero resolveu fazer uma promessa ao Sagrado Coração de Jesus, que se voltasse a chover no Cariri, seria erguido uma grande igreja em homenagem ao Sagrado Coração, justamente no alto da Serra em que ele denominou de Horto.

Algum tempo depois que a promessa foi feita, choveu de forma expressiva na região. Cícero então, começou a se empenhar na construção da igreja. As obras se iniciaram em 1890 e seguiram até 1896, quando foram embargadas por Dom Joaquim. Sabe-se que depois que Cícero voltou de Roma – viagem que realizou na tentativa de recorrer ao Vaticano, sobre a sentença de Dom Joaquim e da Inquisição que suspendia seu sacerdócio- em 1898, ainda tentou concluí-la, porém houve uma nova proibição por parte do

Bispo do Ceará, restando no Horto apenas as primeiras edificações da igreja e a casa de descanso do Padre Cícero.

Como em Juazeiro os locais mais habitados pelo Padre virariam pontos de convergência dos romeiros, e como estes sabiam que seria fácil encontrá-lo no local, muitos se deslocavam até a colina do Horto, na esperança de poderem pedir bênçãos e conselhos ao *Padim Ciço*, nasceu assim, o hábito dos romeiros de subirem até o Horto do Juazeiro. Vale ressaltar, que, a peregrinação para este local tomou contornos ainda mais sacralizados, após sua morte, quando o caminho até o topo do monte tornou-se algo divino, pois poderiam refazer os passos de Cícero, e ao mesmo tempo a subida encarnou e assumiu significados dos locais da Terra Santa, como se passagens da vida de Cristo houvessem, acontecidos ali.

Hoje em dia, o Horto faz parte da zona urbana do município de Juazeiro, mas naquela época, ficava afastado da cidade. Ir até o alto da colina era passear por passagens bíblicas, geograficamente localizadas no interior do Nordeste, o Rio Salgadinho, por exemplo, tornou-se o Rio Jordão. A estrada de areia que levava para o Horto passou a ser comparada com o caminho do Calvário. A adjacência da Serra do Catolé ficou conhecida como Santo Sepulcro, pronto, estava dado aí as geografias das passagens bíblicas transportadas para o Juazeiro. Vejamos o que nos relata uma romeira, (Romeira 2, 53 anos) que todos os anos vai ao Horto pagar promessas:

Desde pequena eu vou para Juazeiro, primeiro eu ia com meu vô, sabe? Mas eu ia mais pra passear. Depois que eu cresci já mocinha arrumei um namorado, aliás eu tava quase namorando com ele, aí ele teve uma batida de moto sabe? Foi feia mesmo! Achei que ele ia morrer, o médico disse que era muito difícil a situação dele. Eu me desesperei, pedi ajuda a meu Padim Ciço, que pelo amor de Deus ele me ajudasse. Aí prometi que se ele fosse curado, eu ia subir o Horto de joelhos. Aí passou, graças a minha mãe das Dores e a meu Padim, ele ficou bom. Quando eu falei ao padre que tinha alcançado essa graça, ele me contou como era a história do morro do Horto de Juazeiro.

Me lembro que ele falou que Jesus tinha sofrido muito no Horto lá de Jerusalém onde ele vivia, né? E que o morro do Horto daqui, de Juazeiro era porque Padre Cícero também sofreu aqui por causa do

povo ruim, não como Nosso Senhor, né? Mas sofreu também e quando o povo que não gostava dele tava inventando coisa pra castigar meu Padim, ele tava lá naquele morro. Ai o padre me disse que quando eu subisse pra ir pagar minha promessa, lá no Juazeiro eu tinha que ir rezando as estações da Via-Sacra, pra ir me lembrando do sofrimento de Jesus, de Padre Cícero e ir me lembrando das coisas ruins que aconteceram, comigo e com meu namorado- que agora é meu marido- ai eu fiz, né?.

Pronto, desde esse dia que toda vez que eu vou lá no horto, eu faço do mesmo jeito, vou logo cedo, pra não me queimar no sol brabo, e vou subindo a ladeira me lembrando daquelas coisas, sabe? E toda vez que eu to num perrengue eu me lembro do meu Padrim, peço ajuda a ele, e quando tudo da certo... eu vou no Juazeiro, subindo o morro e pensando nas coisas que Jesus passou, nas minhas e nas do Padre, quando a coisa é complicada demais, ai eu levo uma cruz pequena, pra como se fosse levando minha cruz, igual Nosso Senhor.

Estas topografias, localizadas e construídas ao redor dos lugares sagrados de Juazeiro, estão longe de serem apenas metáforas, para os romeiros, aconteceu uma verdadeira materialização das localidades, em que Cristo viveu para o interior do Cariri cearense. O Horto, local de sofrimento de Cristo, local onde Cícero certamente se retirou para refletir os grandes problemas de sua conturbada vida, agora é local onde os romeiros repetem um sofrimento causado de acordo com o relato, pelo esforço das caminhadas sobre o sol escaldante da cidade do Juazeiro. Dando ênfase e completando essas histórias, os testemunhos vários dos romeiros sobre acontecimentos milagrosos e maravilhosos, que ocorreram na Serra do Catolé a transfiguraram em um lugar sacro, merecedor de respeito e veneração, digno de amor que o fiel deve ter as coisas que são santas. Estes vínculos de experiências sagradas confirmaram para si que Juazeiro, era de fato um espaço sagrado, era o lócus da salvação em que tinha em sua figura central, um homem santo e poderoso, pronto para defendê-los, protegê-los, socorrê-los e atendê-los em suas precisões. Assim, portanto, o Horto foi um sítio que se solidificou em uma memória sagrada ¹⁶para os romeiros, em um sentido duplo, e numa relação osmótica. Como nos relata a Romeira 3 (68 anos):

16 Ao falarmos sobre memória sagrada para os romeiros, devemos entender que, a medida que suas práticas religiosas e os rituais realizadas por eles em suas romarias, vão configurando-se em tradição que vai sendo passada de pai para filho, e aos poucos vão

Todas vez que eu vou pro Juazeiro, né? Primeiro eu vou ver minha Santinha,¹⁷ lá na igreja onde tem aquela praça, depois, eu vou rezar no túmulo do meu Padim, toda vez é assim, eu tenho que fazer desse jeito. No outro dia, depois que nós toma café, já é sagrado, tem que ir pro Horto, mas não é de carro como os jovem vão hoje em dia não, tem que ir a pé, rezando o rosário, se não, não vale de nada. Quando chego na beira da ladeira, aí da pra ver o meu Padim lá de cima, ele todo branco, olhando pra gente, protegendo a gente, aí eu começo a rezar a via sacra que tem lá, né? Agora isso tem que ser bem cedim, meu filho, por que senão não tem cristão que aguente o sol ardendo no espinhaço. Quando chego lá em cima, aí é certo, nós vai tudim pro Santo Sepulcro, aí vamos rezando e descendo aquela ladeira grande... Você acredita que esse povo mais novo que vai com a gente não aguenta não! Ficam tudo reclamando logo no começo do caminho, eu não, meu filho! Vou pagar promessa e vou feliz. Quando chego lá em baixo, aí a gente tem que passar primeiro na pedra do pecado, que é aquelas pedra grande que tem lá, que tem uma brechinha que quem passa é por que não tem muito pecado, e quem fica atolado é porque tá em pecado grave, aí não pode comungar. Eu mesma sempre passei. (risos) Graças ao meu Padim. Depois vou rezar e acender as vela lá na capelinha, toda vez é assim, se eu for no Juazeiro, tem que fazer isso.

O relato dessa romeira comprova o que já foi abordado acima, que para os peregrinos devotos de Padre Cícero, as localidades geográficas de Juazeiro transmigram-se em localidades espirituais e sagradas. O rezar, o seguir os rituais, quase que da mesma forma todas as vezes que vão a cidade, ajuda a fortalecer a áurea mística ao redor dessas regiões, como no caso supracitado, o Horto, do Padre Cícero.

2.3 O olhar da chegada.

Depois de feitos seus caminhos, a sua jornada, o que seus olhos haviam de contemplar? Da entrada, hoje já se vê a estatua do Padre Santo, sobre o morro que se conhece hoje como Morro do Horto, como outrora cantou Luiz

sendo incorporadas nos percursos das peregrinações, como por exemplo, a tradição de subir o Horto rezando a via sacra e o “passar entre as pedras” que se localiza no local conhecido como Santo Sepulcro, na Serra do Catolé.

17 Referência a Nossa Senhora das Dores.

Gonzaga, *“Olha lá no alto do Horto, ele tá vivo, Padre não ta morto”* (Luiz Gonzaga, 1986). Ainda na visão de Lourenço Filho, selecionamos um trecho que nos revela sua impressão ao chegar em Juazeiro, o texto faz parte de uma série de artigos que Lourenço Filho publicou no jornal *O Estado de São Paulo*, entre 1925 e 1926:

Alguns minutos mais, e estamos no seio da Meca sertaneja. Arruados dos mesmos pardieiros, estendidos por três ou quatro mil metros, cruzam-se em vários sentidos. As habitações quase todas se copiam por fora, em muros mal-acabados, despidos, ordinariamente, de qualquer intenção estética, como se parecem no interior, pobríssimo e imundo. Por fora (...) iniciais “P. C.” e de cruces, signos-de-salomão ou de outros símbolos de uma cabalística rudimentar. (...) A desolação das extensas ruas, de alinhamento indeciso, logo que se foge ao centro, parece mais dolorosa e acabrunhadora. Crianças nuas passam correndo, sem gritos nem risos; romeiros acocoram-se à parca sombra da orla das casas, mastigando a sua matalotagem de farinha d’água e nacos de carne de bode, (...) mulheres, sentadas às portas, em saia e camisa, despenteadas, quase todas com a miséria impressa nas faces (...) Aí está o Juazeiro arraial. Vinte mil almas, a que se agrega e de que se despede, cada dia, uma multidão de romeiros. (...) há um outro pequeno Juazeiro abrolhando no seio desse arraial sórdido e miserável, sem higiene e sem trabalho, abrigo de peregrinos e de cangaceiros da pior espécie, de doentes e malucos. (...) É nessa parte que habitam propriamente os cearenses do Juazeiro, a população estável, entregue ao comércio e a pequenas e rudimentares indústrias. Aí fica também a casa do padre, baixa e modesta (...). (p. 40-42).

O primeiro termo a ser destacado é a “Meca do sertão”, ou seja, mesmo diante do seu olhar preconceituoso e cético, Lourenço Filho enxerga Juazeiro como um centro poderoso de fé, e acima de tudo, um lugar sagrado. Ele percebe também um lugarejo pobre, que era a cidade, mas que inegavelmente após o Milagre da Hóstia começa a evoluir e apresentar significativas melhorias.

Na visão de Della Cava:

Juazeiro era, de fato, uma ‘cidade santa’ presidida por um santo Patriarca, que era padrinho dos doentes, dos desabrigados, dos oprimidos, dos que tinham fome, dos

criminosos e pecadores. Tachados de fanáticos pela sociedade culta do litoral, tais romeiros, pelo contrário, consideravam-se apenas afilhados do Padre Cícero (Cava, 1985: p. 141).

Aqui cabe-nos fazer um contraponto, depois de analisar a visão de Lourenço Filho, partamos agora para outro ponto de vista, a visão máxima da fé, o Juazeiro visto pelo próprio Padre Cícero.

(Joazeiro) tem sido um refúgio dos naufragados da vida. Tem gente de toda parte que modestamente vem abrigar-se debaixo da proteção da Santíssima Virgem. E como é certo que todo bem, ainda os mínimos, provem de Deus, e todo o mal é que nos livra... (então as pessoas) vindo (até Joazeiro) em busca da Santíssima Virgem é um bem, (porque) é Deus quem a traz... (Carta escrita em Julho de 1918. apud Della Cava, 1985: p. 141)

Criou-se portanto um paradoxo interessante, um plano sacro, Juazeiro se transfigura em toda a aurora do novo dia, não é um lugar, ele é o local central e essencial, já na visão elitista, Juazeiro está na periferia, lugar de marginalidade em relação ao Brasil modernista, entendendo que sua concepção de “modernidade” não daria espaço ao que eles chamavam de fanatismo retrógrado e atrasado que era Juazeiro.

CAPÍTULO III: ALMAS QUE MIGRAM.

3.1 A fé

A religião é o sol que gerou o mais belo florescer da arte e a colheita mais rica da mentalidade ética. Os grandes avanços da ética não são devidos aos cientistas, mas aos fundadores de religiões.

Oskar Pfister

A palavra motivadora dessa pesquisa, certamente é a fé, mas o que uma palavra tão pequena em tamanho, tem a ensinar? Quando questiono aos romeiros e devotos do Padre Cícero, o porquê das suas peregrinações a resposta é simplesmente essa palavra, fé. Na tentativa de entender melhor esse fenômeno de forma acadêmica recorro ao dicionário e encontro a definição: *“Maneira através da qual são organizadas as crenças religiosas; religião.”*¹⁸. Entretanto essa definição ainda nos diz pouco. Ao ser questionada sobre a razão de ir sempre a Juazeiro a Romeira 4, (55 anos) nos declarou:

Eu tenho mais de trinta anos de romaria, todo ano vou pra Juazeiro, Canindé e Fortaleza, na terceira semana do mês de outubro. Eu gosto de chegar lá e ver a fé do povo, principalmente o povo humilde chegando para pagar as promessas na maior simplicidade do mundo, de pé descalço, pedindo a benção ao meu Padrinho Ciço, a Nossa Senhora das Dores, aquele passeio das almas na Igreja de São Francisco é lindo, tudo em Juazeiro é lindo, esse ano (2019) a gente teve oportunidade de assistir a missa que acontece no dia 20, dia do romeiro, muito lindo, muita gente, todo mundo de chapéu, que era o que Padre Cícero gostava, né? Todo mundo de chapéu, e também por causa do sol, né? Mas o que eu acho lindo é que mãe, pai, filho, todo mundo, principalmente o pessoal mais pobre, vão pro Juazeiro, ficam no rancho, não tem luxo, não reclamam de nada, pra você ver, a gente vai pro Juazeiro na maior mordomia e ainda reclama. Fé pra mim é isso, é enfrentar as dificuldades com esperança.

Ao tomar como objeto de estudo as Romarias, e a crença de um povo que se desloca por centenas de quilômetros, rumo ao Juazeiro do Norte, em que a temperatura média chega na casa dos 40°C¹⁹ movidos por uma crença em um poder maior, ou até mesmo agradecendo ao Santo do Ceará alguma graça, e reduzir todo esse fenômeno em uma palavra nos parece pouco.

As palavras só dizem o que queremos, mas existem mais nas margens do silêncio e mais para além das fronteiras dos papéis, palavras não escritas e não limitadas. Alguns consideram que a língua portuguesa é a mais completa de todas, entretanto ao nos debruçarmos, em suas gramáticas e no seu vastíssimo Léxico, não encontramos uma definição precisa para isso. Verdade é que essa pequena palavra, “fé”, é capaz de gerar tamanha discussão. Sobre a fé em padre Cícero a Romeira 5 (41 anos) declarou:

O que me leva eu ir para o Juazeiro, desde quando eu era criança, meu avô todo ano me levava pro Juazeiro, então, daí eu peguei uma fé muito grande por Juazeiro, porque eu gostava, mas agora, eu vou pro Juazeiro porque eu recebi uma graça, eu não, meu marido, porque ele teve um problema nas pernas que ficou por dentro de casa se arrastando, ele não andava, ficou se arrastando, então eu fiz uma promessa pro meu Padrim Ciço, que se ele ficasse bom das pernas dele, e ele voltasse a andar, que eu ia com ele, levaria perna-de-pau e botava lá na casa do milagre, lá em cima, na serra, e assim eu alcancei a graça, então é por isso que todo ano eu vou. E mesmo quando eu não vou, por culpa das condições, que nem sempre dá pra eu ir, eu tenho uma fé muito grande em meu Padrim Ciço e minha Mãe das Dores.

A Fé é o mais misterioso e sublime dos sentimentos e por ser sentimento não podemos vê-la, toca-la ou guarda-la numa caixa de ouro e marfim, sua morada é o coração, a fé é todo o espírito de quem a contém, pois é algo particular, que necessita de um *luthier* que no caso é a devoção. Quando a fé se faz sentir em um romeiro, ela guarda em si uma alma tecida e repartida por ele todos os dias, mesmo que distraidamente e quando essa fé

19

¹⁹ <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/10/sensacao-termica-em-juazeiro-do-norte-no-ceara-chega-40-c.html> Acessado em 4 de Outubro de 2019.

nasce no nordeste, no meio da labuta e das maiores adversidades, essa fé ressoa em nosso acervo emocional mais precioso. E essa fé nos toca e nos leva por caminhos inesperadamente arrebatadores, ecoando no peito e na mente, rompendo então todas as barreiras físicas, através dos olhares desses peregrinos que em si já derramam poesia sem registro possível e que chamamos na nossa limitada escrita de 'lágrimas'.

As orações são os tapetes voadores dessa viagem que saem dos lábios desses crentes em direção a Deus e ao centro de nós, que agarramos atentos para alcançar essas alturas, essas vertigens, essas revoluções. As orações, Hinos, Benditos, e até mesmo os gestos dos devotos do Padre Cícero, transbordam em amor e se fazem sentir no momento em que a faz vibrar e ressoar pelo espaço. E o que eles rezam, parece que sempre foi seu como um brasão ou uma marca de nascença, capaz de lhes dar ânimo para seguir em peregrinação por quilômetros, que lhes concede coragem para vencer qualquer obstáculo, que faz nascer força em seus corações, força para seguir adiante na travessia tempestuosa da vida, isso é a fé.

3.2 Fluxos migratórios, a esperança da caminhada.

“(...) A vida é um constante movimento desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos”.

Haesbaert

Desde os primórdios da humanidade os seres humanos deslocam-se por vontade própria ou involuntariamente. É evidente que eventos climáticos, crises sociais e/ou econômicas são impulsionadores desses movimentos²⁰. Para além do que já foi amplamente analisado, faz-se necessário um olhar histórico e antropológico, um olhar para as migrações dessas almas, que deixam seus lares em busca de um refúgio, em busca de alento para suas vidas e

20 Sobre esse fenômeno ver: Migrações: implicações passadas, presentes e futuras / Paulo Eduardo Teixeira, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). – Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

consolação para suas dores, e Juazeiro, principalmente durante meados do século XX foi um santuário de almas.

Evidente que a fuga de um governo tirânico e das desolações climáticas sempre foi um dos fatores que mais impulsionaram as migrações e as peregrinações, o exemplo mais clássico e mais forte para os Judeus foi, o Êxodo, retratado no antigo testamento sobre a fatídica epopeia de Moisés e o povo Hebreu, e também para s cristãos, a fuga dos pais junto com Jesus Cristo para o Egito, devido às perseguições do tetrarca da Galileia, o rei Herodes.²¹

Os eventos migratórios posteriores a empreitada da ‘Sagrada Família’, quando envolvendo cristãos, tinham em Jesus um exemplo de superação, um exemplo de quem também passou por tal sofrimento, e que com a fé inabalável dos seus pais conseguira sobressair de tal adversidade. Essa mesma fé move aqueles que perpassam as fronteiras dos seus estados rumo à Juazeiro do Norte, muitas vezes, migrando sua alma para a esperança de cura e de salvação.

Durante a segunda metade do século XX, Juazeiro foi um refúgio de todas as almas que perambulavam pelos sertões nordestinos, época marcada fortemente pelo desinteresse da lei para amparar o pobre nortista. Esse foi tema para diversas canções que consagraram Luiz Gonzaga,²² e tema central da obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*.

E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é morte de quem se morre de

21

De acordo com os relatos bíblicos, Herodes teria ficado perturbado com a visita inesperada de Reis Magos vindo do Oriente, supostamente guiados por uma estrela, que lhes indicavam o nascimento de um Rei Supremo que estava na região de domínio de Tetrarca. Herodes havia orientado os reis para que voltassem assim que tivessem notícia sobre a localização exata do menino, estes, depois de descobrirem as reais intenções de Herodes, partiram sem cumprir as ordens do soberano Galileu. Ao perceber a empreitada dos reis estrangeiros, Herodes teria ordenado o massacre de todas as crianças de até dois anos de idade, para que assim o suposto rei fosse eliminado, episódio que ficou marcado como sendo “o massacre dos inocentes”.

22

Aqui fazemos referência a algumas canções de Luiz Gonzaga como “A triste partida” e “A morte do vaqueiro”; ver “A triste partida” e “A morte do vaqueiro”.

velhice antes dos 30, de emboscada antes dos 20, de fome um pouco por dia, de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida. Somos muito Severinos iguais em tudo e na sina, a de abrandar estas pedras, suando-se muito em cima, a de tentar despertar a terra sempre mais distinta, a de querer arrancar alguns roçado da cinza [...] (MELO NETO, João Cabral de, 1995: p. 03)

Esse primeiro trecho da obra de João Cabral nos apresenta a situação do personagem principal, o *Severino*, este que represente o nordestino que mora no sertão, e que resolve, devido aos fatores climáticos, no caso a estiagem, mudar para a cidade de Recife, tendo que abandonar sua terra. Ao seguir seu caminho, que o autor chama de rosário²³ que ele deve seguir em que as contas são as vilas que ele passará:

“sei que há muitas vilas grandes, cidades que elas são ditas; sei que há simples arruados, sei que há vilas pequeninas, todas formando o rosário cujas as contas fossem vilas, de que a estrada fosse a linha. Devo rezar tal rosário até o mar onde termina”. (MELO NETO, João Cabral de, 1995: p. 06)

Nessa sua andança Severino só encontra a morte, deixando evidente a desestabilização emocional do personagem, caminhando pelos sertões e só encontrando desgraça em sua sombra, sua última esperança seria a cidade de Recife. Ao chegar a capital, o personagem de João Cabral, para pra descansar na calçada de um cemitério, onde acidentalmente escuta a conversa de dois coveiros que relatam sobre os retirantes que morriam todos os dias nas margens miseráveis das grandes cidades, tal fator faz com que ele chegue a triste conclusão “*e chegando, aprendo que, nessa viagem que eu fazia, sem saber desde o Sertão, meu próprio enterro eu seguia*”, abre-se aqui a ideia de uma Heurística do Medo²⁴ sobre as migrações nordestinas.

23

Aqui percebe-se a marca da religiosidade do nordestino, questão de suma importância para compreender o contexto da vida dos sertanejos, e como sua fé o mantém de pé mesmo enfrentando terríveis adversidades.

24

Mas ao citar a obra de João Cabral notamos que os movimentos migratórios, até mesmo dentro do território compreendido como sendo de um único povo, também é marcado por grandes adversidades, por sentimentos de deslocamento da alma, de suas raízes, dos lugares pelos quais tinha grande ligação sentimental. Mas, mesmo enfrentando terríveis adversidades, ainda seria possível para o migrante, peregrino ou romeiro, acreditar em uma *Quintessência*²⁵ de que nos fala Viktor Frankl? Mas onde ela estaria? Talvez, se encontrasse no íntimo dos seus sentimentos, a esperança e a fé que é própria do povo que crê, fé esta, alimentada e fomentada pelo *'Padrim Cícero'*.

Desta forma percebemos um desafio à lógica da época, pois o modelo de urbano e o projeto de evolução estavam nos grandes centros, este era o projeto de poder da República positivista. Mas como demonstrado pelo personagem de João Cabral, essa ida rumo aos centros urbanos na realidade se transfiguravam em uma distopia, ou seja, minguava a esperança e a fé. Enquanto a caminhada para Juazeiro trazia a tona uma utopia, reascendia a esperança de melhorias, além da fé no Padrinho Ciço, que seria capaz de protegê-los de toda adversidade e não os deixaria abandonados a sorte e a miséria.

Trata-se de uma opção ética pelo mal prognóstico, de um antídoto contra a esperança sem sentido que pode afetar a ação humana no mundo. Invés das probabilidades otimistas e idealista, Hans Jonas propõe utilizar-se o medo como forma de aprendizado, e fazer da projeção da possibilidade, da previsão negativa como condição para alterar a atitude do ser humano.

25

Nas palavras de Viktor Frankl; “a quintessência da sabedoria, por tantos poetas cantada, a verdade de o amor é, de certa forma, o bem ultimo e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora o sentido das coisas ultimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, em poesia – e em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! Passo a compreender a pessoa, mesmo que nada mais lhe resta nesse mundo, pode tornar-se bem aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente a imagem do sagrado. Na pior situação exterior que se possa imaginar, a pessoa pode realizar-se na contemplação amorosa da imagem espiritual que ela porta dentro de si, do que lhe é sagrado e amado.”

3.3 O caminho das almas, peregrinações do sagrado.

As representações sensíveis encontram-se em fluxo perpétuo, empurram-se umas as outras como ondas de um rio e também enquanto duram não permanecem iguais em si mesmas.

Emile Durkheim

O conceito de peregrinação como conhecemos hoje, foi incorporado no discurso religioso, pressupõe-se um percurso em direção ao divino, podemos entendê-lo como um duplo sentido, primeiro um tangente ao plano material em um deslocamento geográfico, mas também no ponto de vista metafórico, em uma peregrinação interior. Nos dois casos, podemos entendê-lo como um caminho a ser percorrido, ou seja, antes de mais nada, peregrinação é caminho, independente do deslocamento físico, dessa forma, a nossa existência pode ser entendida como uma peregrinação, entendendo assim simbolicamente como a nossa condição de viajante da própria existência.

Segundo Ferreira (1999) a peregrinação também pode assumir um sentido de designação, para uma reunião de devotos para determinada festa religiosa. Partamos, portanto, para a origem epistemológica da palavra, do latim “romaeu” que era utilizada para designar aqueles que iam à Roma. Entretanto, romeiro advém do Grego “rhomaîos” e foi inicialmente usado no império romano do Oriente para designar aqueles que iam à Terra Santa. Observem que em ambos está presente a ação de ir, deslocar, sair para algum lugar.

Depois desse estudo, partamos para a sociologia, que afirma que a peregrinação é parte fundamental de práticas ritualísticas de um sistema de crenças, que formam o lado religioso da vida. Devemos entender a religião como uma construção humana ²⁶que faz parte da cultura, assim sendo, os fenômenos dos deslocamentos provocados pelas crenças religiosas envolvem várias interpretações, a respeito dessas ações e dos seus agentes. Em

²⁶ Sobre a religião como construção humana ver: BERGER, Peter. O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

particular no Brasil, essas peregrinações se relacionam com as festas do catolicismo popular impregnados dos sentimentos dos romeiros que fazem transbordar a dimensão local. No caso de Juazeiro do Norte, essas romarias são marcadamente da dimensão das festas religiosas, em primeiro lugar, o culto Mariano, depois, a devoção popular, neste caso, relacionada ao Padre Cícero.

Uma peregrinação no sentido de “*per agros*” do latim, ou seja, pelos campos, refere-se portanto ao caminhar pelos campos nos moldes de deslocamentos religiosos medievais, ou seja, caminhar grandes distâncias a pé nas zonas rurais que intercalavam um ponto a outro da trajetória, é uma viagem realizada por um fiel a um lugar de reputação sagrada. Vejamos agora exemplos históricos dessas peregrinações, no Egito acontecia a peregrinação à Siwa, onde se localizava o oráculo do Deus egípcio Amon, os Gregos se dirigiam à Delfos para consultar o famoso Oráculo de Delfos, os mulçumanos à Meca, os Hindus aos Ganges em Benares, os Xiitas à Kerbala, pelos católicos à Santiago de Compostela, ou à Lourdes e pelos budistas à Lumbini. Em todos esses contextos, o lugar sagrado é cheio de significados, ele é orientação para o que crê ambiente material, onde seu mestre esteve local propício as comemorações e rituais de manifestações divinas, ou até mesmo lugar de purificação.

As peregrinações, ainda podem ser entendidas como a prática de viajar para lugares, onde o religioso exerce seu poder e onde as experiências de fé são acessíveis. Para Gold (2001) ela é “geralmente acompanhada de experiências físicas e esteticamente muito potentes, no sentido de produtoras de sentidos de integração de si mesmo com cosmo e transcendência do ego”. Em uma análise mais contemporânea, Rosendahl (1998) avalia esses significados com conteúdos antecipadamente pertencentes aos fieis para manifestar o divino que já trazem dentro de si.

Segundo o Código de Direito Canônico da Igreja Católica, as penas canônicas são discutidas no livro VI das Sanções na Igreja, que trata dos delitos e das penas em geral, do processo penal, da aplicação das penas e dos diversos tipos de delitos. As penas canônicas correspondem as intervenções

da igreja, algumas condutas particularmente relevantes e pecaminosas, como por exemplo, o adultério, o incesto e o aborto intencional. Neste sentido, a peregrinação cristã em sua primeira era, eram movidas pelo desejo de cumprir um castigo ou uma penitência em expiação de suas faltas.

Depois do século III essas peregrinações consistiam em visitar os lugares sagrados, movidas por curiosidade de ver e tocar, quase que como uma ligação com o transcendente. Neste sentido, essas peregrinações também estavam marcadas por pedidos de cura e milagres, e até mesmo em agradecimento aos benefícios alcançados. Geralmente esses caminhos eram feitos em situações de esforço físico, de renúncia as comodidades e desprendimento já assumindo o papel de sacrifício do peregrino, sendo assim, ele era submetido a situações de desconfortos, privações e abrigos precários.

Entretanto, as peregrinações não se encerravam em seu ritual depois das chegadas aos lugares sagrados, ainda era preciso percorrer esses lugares realizando determinados rituais, no caso do cristianismo, colocar em contato alguns objetos nos lugares sagrados para o santificar, adquirindo assim, o poder de cura.

As primeiras peregrinações do cristianismo datam do século IV, quando o Imperador Constantino instituiu a liberdade de culto no Império Romano em 313 DC. Acredita-se, portanto, que o interesse em ir aos locais onde estavam enterrados os santos, apóstolos, mártires, mas principalmente, os locais onde Cristo esteve, numa espécie de tentativa de refazer os passos bíblicos começa a tomar conta de toda a cristandade. Dessa forma, os peregrinos que iam à Jerusalém, deveriam ser recepcionados por serviços religiosos marcadamente piedosos, na Semana Santa, por exemplo, criou-se toda uma programação de recitação dos trechos do evangelho e peregrinações pelos locais que marcaram a morte e a ressurreição de Cristo.

O interesse dos peregrinos por estes locais, tornou-se cada vez mais forte e foi adquirindo grandes proporções nos séculos seguintes. Entretanto, os deslocamentos em grandes distâncias tornaram-se inseguros, principalmente com o início de um período de guerras religiosas, mais especificamente depois da tomada de Jerusalém pelos Turcos muçumanos, no século XI, cuja

influência se fez sentir fortemente até a segunda metade do século XVII. Essa guerra, foi desencadeada pelo fator de que os cristãos consideravam os lugares sagrados de Jerusalém como sendo de sua propriedade, ou seja, passaram a ver os muçulmanos como adversários, e a tomada de Jerusalém representaria a contenção do avanço do mundo islâmico.

Os pedidos para que o Papa Urbano II saísse em defesa do sepulcro de Jesus, foram atendidos com entusiasmo, inspirando camponeses e cavaleiros nas cruzadas pela causa da Terra Santa, levando-os a se levantar em guerra contra os “inimigos de Cristo”. Urbano II concederia indulgência plenária (perdão de todos os pecados) ao exército encarregado de tomar a cidade sagrada, tanto para os vivos, quanto para os mortos. A igreja depois disso passou a investir na construção de novos santuários para atrair peregrinos, oferecendo indulgências em troca de doações para sua construção, de acordo com Gerson (1995), existia só na França mais de mil centros de peregrinação no final da Idade Média.

As cruzadas tiveram um papel extremamente importante no desenvolvimento do comércio europeu, expandindo suas fronteiras e estabelecendo intercâmbio cultural, artístico, científico e filosófico, essas interações também foram responsáveis pela disseminação da peste bubônica da Europa no século XIV. Se tomarmos as cruzadas como sendo uma espécie de peregrinação, ou mais objetivamente, de romarias, esse desenvolvimento econômico, cultural, artístico, científico e filosófico poderia se estender aos centros que recebiam os romeiros, isso poderia explicar o desenvolvimento econômico da cidade de Juazeiro devido principalmente às romarias.

Sendo assim, as peregrinações cristãs da contemporaneidade ainda mantêm características medievais, como por exemplo, o culto aos santos e a Virgem Maria, que assumem o papel de intercessores e mediadores entre o céu e a Terra, já como práticas religiosas, seria um movimento tanto físico como espiritual. Ou seja, da mesma forma que se desenvolve na peregrinação o deslocamento geográfico, é também o deslocamento entre a Terra e o céu, da Terra para o céu e de volta à Terra, assim, o santuário seria o lugar que representa a santificação do mundo em oposição ao caos que ele se encontra.

Contudo, ao ingressar na experiência de buscar proximidade com um centro sagrado, os peregrinos partem de localidades onde residem e vivenciam situações de alteridade. Em contato com outros peregrinos e com os diversos agentes envolvidos no fenômeno, aproximam de situações que abrangem tanto intimidade, pertença e semelhança, quanto sentidos de estranhamento e diferença. A expectativa por parte do praticante em relação a conquista de um significado interior, embora seja variável de peregrino para peregrino, suscita estados de renovação e transformação em ambientes e situações caracterizados por espacialidades e temporalidade diferenciadas. O que acontece quando as pessoas se juntam na construção dos significados remete não só a experiência física de deslocamento em suas práticas, mas também a um sentido transcendente e subjetivo, que é construído de forma permanente, tanto individual como coletivamente. O sentido de alteridade embutido nessa construção é algo que se expressa na própria etimologia da palavra peregrino, que vem do latim e significa estrangeiro. [...]

Em Juazeiro do Norte, outro ponto que merece ser considerado é que os romeiros permanecem em curiosa situação dentro-fora, pois tanto são responsáveis pelos fluxos migratórios formadores do município, como são, ao mesmo tempo, “estranhos” que visitam anualmente a cidade e “conhecidos” que pela repetição ritual da prática estabeleceram contatos com autóctones e moradores com quem constroem espaços de proximidade. (Cordeiro, 2010: p. 73).

Assim sendo, os romeiros de Juazeiro do Norte são ao mesmo tempo “conhecidos” e “estranhos” da mesma região, essa dualidade se deve ao fato da repetição dos rituais em suas romarias anuais que formaram e ainda formam as características urbanas, econômicas, políticas e sociais da cidade.

A distinção entre a palavra romaria e peregrinação foi instituída, segundo Sanchis (2006), pela própria igreja católica, para ele, as romarias tinham como características manifestações que aproximavam do paganismo, devido aos excessos nas atitudes penitenciais e no pagamento de promessas, além do envolvimento dos fieis em atividades noturnas, relacionadas à bebedeira e a desordem, o que levou a igreja de Portugal, em 1920, a adotar o termo peregrinação para as práticas estritamente religiosas. Dando voz, portanto, a uma disputa que permanece até os dias de hoje, a “festa do povo” e a “ordem da igreja”. Outros autores como Victor Turner e Edith Turner também discutem essa diferenciação, para eles, a peregrinação seria um momento de

desligamento do mundo onde, ao mesmo tempo o peregrino separava-se da estrutura, que o localiza socialmente, e se uniria ao sagrado.

3.4 O fenômeno das romarias, assim na terra como no céu.

Eu todos os anos, setembro e novembro vou ao Juazeiro, alegre e contente, cantando na frente, sou mais um romeiro. Vou ver meu Padim de bucho cheio ou barriga vazia, ele é o meu pai, ele é o meu santo, é minha alegria. (Luiz Gonzaga, 1986)

As romarias na cidade de Juazeiro são sua essência de vida, é o que faz a cidade vibrar. Antônio Mendes Braga (2007) compara as romarias de Juazeiro com o pulsar de um coração, e faz circular a fé e a devoção ao Padre Cícero. Uma coisa deve ser ressaltada, que é a capacidade das romarias de produzir um efeito sobre os romeiros, que é justamente consagrá-los ao Padre Cícero, torná-los protagonistas da cidade, deste modo, ao tornar um romeiro sagrado, faz-se infundir nele uma sensação de pertença ao grupo dos que se consideram afilhados do Padrinho Cícero, os aproximando desde Santo, essa aproximação certamente enche o coração dos peregrinos de ânimo, e renova suas forças ao regressarem de Juazeiro.

Se analisarmos por esse ângulo, por um lado a romaria consagra o romeiro, já a fé torna sagrado o Juazeiro, atribuindo força sacra aquele lugar, em palavras simples, um não existe sem o outro, sabemos que, o sagrado se constrói a partir daqueles que creem, então o sagrado das romarias, o sagrado do Juazeiro, o sagrado dos vários rituais que marcam a cidade, nasceram certamente do que é sagrado para os seus peregrinos. Vejamos por exemplo o relato da Romeira 6, (73 anos):

Ir pra Juazeiro pra mim é muito sagrado né, meu filho? Você sabe, tem que ter toda a preparação, a gente passa o ano todo sonhando com aquela viagem, pra mim, a gente tinha era que passar duas semanas só no Juazeiro, é muita igreja pra olhar, muito canto pra rezar, muita coisa pra fazer, muito santo pra comprar, e tem aquela praça, né? Não sei se você lembra, que teve uma vez que a gente ficou

olhando um rapaz que dormia lá, e não era nem desarrumado nem nada, parecia que ele gostava de ficar ali, e é muito bom, né? Eu queria que por aqui (Campina Grande) tivesse uma praça daquela, é uma praça que as famílias é que vão, não tem aquele medo de que vai ser assaltado, o povo passa a noite todinha na praça, logo, é muito quente, aí sai pra tomar um arzinho justamente de noite, e ficar por ali, botando os papos em dia, e tem muita barraca, muita coisa pra ver.

Mas mesmo a gente passando pouco tempo lá, eu gosto de ir em todas as igrejas, nas que eu fico mais perto, vou assistir as missas e me confessar, assim que eu chego, eu assisto a missa de noite lá na Basílica de Nossa Senhora das Dores, e é aquele horror de gente, porque geralmente eu chego de tardezinha pra noite, no outro dia eu acordo logo cedo, e assisto a missa lá no Socorro, volto correndo pra Basílica pra poder me confessar com um padre bom. Aí pronto, a romaria pra mim já valeu a pena, já me confessei, já assisti a missa, agora eu to leve, é uma sensação tão boa, toda vez eu choro, e olhe que faz tempo que eu vou pra lá, viu?

Depois que eu faço essas obrigações, aí eu vou pra estátua do meu Padre Cíço, assisto outra missa lá, que no domingo tem missa direto, aí fica um pessoa ali no Horto olhando as lojinhas, vejo se tem algum santinho que eu não tenho em casa, compro umas lembrancinhas pro povo que não viajou com a gente, e que toda vez fica me aperrindo pra trazer alguma coisa, mas já sabe, que o que tem pra vender em Juazeiro é santo. Aí quando é de tarde, tem uma das partes que eu mais gosto, que é a visita das igrejas, primeiro a gente vai lá no Crato visitar a estátua de Nossa Senhora de Fátima, assim que a gente desse lá tem que rezar o ângelus.

Quando a gente volta pro Juazeiro, vamos na igreja do Coração de Jesus, aquela bem grande e bem bonita que tem lá, né? Aí a gente vai tirar foto, mas tem que rezar também, depois, vamos no mosteiro das freiras, lá é que é bom mesmo, tem um jardim bem grande com um monte de flor bonita, todo ano eu arranco um pezinho escondido sem a mulher ver, pra eu plantar em casa, uma flor de Juazeiro, umas morre, mas meu jardim já tem um bocado, claro que eu vou ter né, uma flor da terra do meu Padrim, tenho o maior cuidado, todo dia assim que eu acordo eu boto água.

Quando o sol já tá indo embora a gente vai visitar a igreja dos Capuchinhos de São Francisco, assim que a gente desce do ônibus, a gente vai fazer o passeio das almas, que é arrodando a igreja, rezando o terço, é uma das partes que eu mais gosto, porque nem tá tão quente, e aquela igreja é muito bonita, chega dá vontade de chorar quando a gente vai rezando o terço, só me lembro da minha filha, sabe? Quando termina a reza, a gente entra na igreja, pra visitar, aí depois a gente volta pras pousadas, mas o que eu acho bom mesmo em Juazeiro é que todo canto que a gente vai a gente reza, é bom né meu filho? Chega dá um alívio na gente.

Esse extenso e belíssimo relato dessa fiel nos comove bastante, em primeiro lugar, vale ressaltar que, o que move essa romeira, e o que a desloca para aquela cidade é estar disposta a realizar uma profunda experiência religiosa, com a expectativa de que algum momento ela possa se relacionar, ou entrar em contato com o seu Padrinho Cícero, nas palavras dela própria: *“mas o que eu acho bom mesmo em Juazeiro é que todo canto que a gente vai a gente reza, é bom né meu filho? Chega dá um alívio na gente.”*. Isso reforça a ideia de sacralidade de cada lugar da cidade de Juazeiro do Norte, notemos que, ao sair de sua residência, percorrendo seja qual for a distancia em direção ao Juazeiro, existe quase que uma metamorfose para adentrar naquele espaço sagrado é como se a longa viagem da peregrinação os tornassem mais vulneráveis aos símbolos sagrados, abrindo seus olhos e aguçando sua sensibilidade, para perceber a presença do Santo Padrinho Cícero no Juazeiro.

Outra questão abordada também no relato da Romeira 6, é a preparação e a expectativa da viagem para o Ceará, a ansiedade que se apodera do ser, a vontade de ir e a expectativa da chegada tornam-se os principais sentimentos percorridos por ela, essa expectativa de adentrar numa outra qualidade de espaço, o espaço sagrado do Juazeiro, onde tudo nos leva a rezar. Todo o ritual que ela segue, toda igreja que ela visita, todas as orações que realiza, parece que são essenciais na sua romaria, questão crucial é a emoção com que ela relata cada passo dado dentro da cidade, sua experiência é sacralizada nos pequenos detalhes, na escolha das orações, do modo em que deve ir aos lugares santos, e mais intensamente quando nos fala que leva para sua casa um ramo de flor plantado nas terras cearenses, é como se ela pudesse levar a sacralidade daquela terra para o quintal de sua casa, e todos os dias ao regar aquelas flores, relembrar dos momentos vividos em Juazeiro, e ansiar para a romaria vindoura, certamente, mais do que plantar no quintal de sua casa física, planta em seu coração a esperança e o conforto que só Juazeiro, mergulhado em sua sacralidade pode assegurar para aquela senhora.

Quando se vai a Juazeiro, e percebe a visita dos romeiros, as cenas de devoção impressionam, tanto pelo fervor, quanto pela sinceridade. Como relatado acima, o romeiro cumpre rituais vitais no seu relacionamento com a esfera do sagrado, os fiéis veem aquilo com uma seriedade de que é própria,

de quem cumpre uma tarefa ou um dever. Entretanto, existe uma outra faceta que deve ser observada nas romarias, que é o seu caráter festivo e comercial, esse outro lado nos parece ser contraditório, mas apenas se olharmos com um olhar laicizante. Sabemos que, na cultura popular, por excelência, não existe uma mudança abrupta do sagrado e do profano, podendo o culto aos santos numa determinada festa popular, como ocorre no Círio de Nazaré, em Belém do Pará, realizar-se através da dança e da música, já no caso de Juazeiro, as romarias não só nos remetem a fé, mas também, são momentos de passeio, festejo, compras e confraternização.

Admitindo esse sentido, a romaria se torna uma gigantesca feira de diversidade, podendo deixar um romeiro de primeira viagem atordoado. Quem já foi a cidade durante as principais festas do ano, sabe o quanto é difícil caminhar pelas ruas centrais do Juazeiro. São visitantes em circulação constante pelos espaços apertados que são deixados pelos feirantes para passagem, são roupas, redes, terços, escapulários, imagens, bacias, painéis, calçados, utensílios domésticos, tapetes, frutas, verduras, objetos de decoração, etc. O barulho das pessoas em compras se confundem com as músicas dos aparelhos de som dos feirantes, que entoam benditos e canções em louvores ao Padre Cícero.

Ou seja, assim como nos diz o título “assim na terra como no céu” a figura do Padre Cícero, oferece proteção religiosa, sacra, e de fé, mas também garante sustento no plano material, para aqueles que dependem diretamente das romarias, é assim que irmanados por um laço de parentesco, os afilhados do Padrinho Cícero não deixam de visitá-lo durante as festas mais tradicionais da cidade, para estes romeiros, pouco importa a canonização oficial dos trâmites, das burocracias da igreja católica apostólica romana, para eles, Cícero já é o seu santo popular –pois acreditam que através de sua intercessão alcançam graças e milagres-- mas vai além disso, novamente, Cícero é excesso, ele é também profeta, político, conselheiro, pai, amigo, médico, modelo, intercessor, chefe, homem de oração e de ação, homem de promessa, sinal de esperança para o povo sofrido e trabalhador, e por ser sertanejo, ele é mais singular ainda, pois é tratado com intimidade, quase que como sendo advogado dos mais fracos em sinal de sua justiça, pois ele é melhor do que

qualquer um para entender os dramas vividos pelos seus romeiros, pelos seus fiéis, no mais íntimo que seja, mediador direto entre o homem, Nossa Senhora, e o próprio Cristo. Sobre isso, a Romeira 1 declarou:

Veja bem, por que eu comecei a ir pro Juazeiro? No começo, eu não gostava do Juazeiro, eu achava que só quem ia pro Juazeiro era matuto, essas coisas... Aí uma vez a tia do meu marido fez uma promessa para ele ir pro Juazeiro, aí eu fui junto, quando cheguei lá, a gente inventou de ir para o Santo Sepulcro (que é uma descida bem grande, a gente sai lá da estátua e desce um morro, depois sobe outro, é muito longe.), quando chegou lá, tinha uma senhora que precisava de ajuda, fui ajudar essa senhora, quando eu estava pegada no braço dela os marimbondos veio em cima de mim, pegou minha orelha e deu umas três ou quatro ferroadas (risos), minha orelha ficou inchada que não foi brincadeira, fiquei com raiva, olhava pra estátua de Padre Cícero com uma raiva que não era brincadeira, aí o pessoal já estava lá na frente e eu tinha ficado por causa dessa senhora, mas já estava agoniada por que minha orelha estava ficando muito vermelha e inchada, aí eu cheguei numa casinha lá, do pessoal que vende essas raízes – lá vende muito esses remédios de mato – quando cheguei lá a mulher disse: *“bote remédio de pequi e reze para o Padre Cícero”*, aí passou na minha orelha remédio de pequi e eu vim passando, aí eu olhei para a estátua do Padre Cícero e disse: “Padre Cícero, se tu existe mesmo, se tu faz milagre na terra, faz um milagre em mim, faz com que eu chegue no ônibus e minha orelha já esteja 100%, pra ninguém mangar de mim, porque, como eu gosto de mexer e tirar brincadeira com todo mundo, eu tava com medo do povo mangar da minha orelha, e eu, graças à Deus, quando cheguei lá no ônibus, que eu disse que tinha sido ferroadada por um marimbondo, ninguém acreditou, porque a minha orelha estava ótima, 100%, ninguém dizia que eu tinha tido nada, aí eu comecei a acreditar. De vez em quando eu faço uma ‘promessazinha’ pra ele e consigo, graças a Deus e a Nossa Senhora das Dores também.

3.5 Os romeiros.

Os fenômenos das romarias do Juazeiro certamente causaram a curiosidade em muitas pessoas, principalmente quando o plano de fundo histórico é a Primeira República Brasileira, esta, tinha como característica econômica principal a concentração nos polos da região sudeste, entre São Paulo e Minas Gerais.

Mas, o que estava acontecendo no interior do nordeste brasileiro? Quem era esse homem que arregimentava uma multidão de fiéis? O que poderia

existir de atraente na cidade de Juazeiro? Foi no intuito de responder essas questões que o paulistano Manoel Berström Lourenço Filho²⁷ foi ao Cariri do Ceará e escrevia artigos para o jornal “O Estado de São Paulo” entre novembro de 1925 e agosto de 1926, esses relatos se transformaram em livro, no caso “Joazeiro do Pe. Cícero: Scenas e quadros do fanatismo do Nordeste” na sua primeira edição de 1926. A importância da obra para nosso estudo sobre as romarias é inegável, pois mostra uma visão um tanto quanto “preconceituosa” na qual Juazeiro é a imagem do atraso, da ignorância e do fanatismo religioso.

É aqui que se percebe o corpo do Padre Cícero como lugar de disputa, na visão dos romeiros, um homem santo e milagroso, já nas representações como nas de Lourenço Filho, é a imagem do retrocesso e do fanatismo. Cabe-nos em primeiro lugar, analisarmos o lugar de fala de cada um, sabendo que o discurso segundo Foucault (1970) sofrem interferências desses. Para Foucault o corpo é expressão de poderes e de saberes que se articulam estrategicamente, o corpo é portanto ao mesmo tempo, passivo e ativo em uma disputa de forças que se faz sentir em toda sociedade, ele é objeto marcado por sinais resultantes desse embate.

O filósofo busca elaborar uma genealogia de uma série de conceitos, que se erguem ao redor do corpo e que se entrelaçam a ele, devido a vários fatores historicamente construídos, ou seja, Foucault busca esmiuçar o alcance dos vários discursos que se constroem sobre os corpos dos indivíduos, corpos estes, que são marcados por mecanismos gerais de dominação, de controle, normalização, submissão e etc. Marcas que estão capilarizadas em toda a rede social, buscando por fim, o vínculo existente entre o binômio, corpo/alma e a díade saber/poder. A Professora do Departamento de História da UEPB, Dr^a Auricélia Lopes Pereira, em sua dissertação de mestrado sobre as várias faces do cangaceiro Lampião, nos coloca uma questão pertinente para nossa discussão ao analisar os “interesses que movem a fabricação e articulam

27

Não sabemos precisar a data que Lourenço Filho estava em Juazeiro. A considerar os dados presentes no livro, sugere-se que foi uma única vez entre abril de 1922 e dezembro de 1923, período em que ele residiu no Ceará para promover ali uma reforma educacional. Quanto a obra, o autor mistura dados resultantes de observação direta de fatos, as suas impressões, informações de outros livros e depoimentos orais recolhidos.

lugares vários de sujeito” que pode ser muito bem aplicado a figura do Padre Cícero.

Jogos de palavras e de gestos que acionam verdades dispostos em campos de significação opostos. Assim, o corpo de Lampião é objeto de disputa apropriado a partir de palavras seu signo é plural. Os interesses que movem a sua fabricação articulam lugares vários de sujeito. É este lugar de sujeito que Lampião quer exacerbar na cartografia de si. Cartografia que, articulando gestos e palavras organiza um saber-viver marcado por histórias maravilhosas. De onde vêm este arquivo imagético-discursivo que possibilita o lugar destas histórias? (PEREIRA, Auricélia Lopes,2000, p. 187)

As colocações feitas por Pereira são perfeitamente cabíveis à figura do Padre Cícero, pois assim como Lampião, seu corpo é um local de disputa de discursos opostos, discursos movidos por interesses de quem os emitem. Também é aplicável ao padre Cícero, o fato de que a biografia de Cícero é marcada por eventos maravilhosos, no qual o imaginário popular tem sua contribuição, mas assim como o rei do cangaço, Padre Cícero também constrói uma memória de si, ao afirmar, por exemplo, que as acusações feitas a ele – acusações feitas pelos seus opositores políticos e religiosos-- são calúnias e injustiças, como declarou “Tomei o propósito, desde o começo desta enorme perseguição contra mim, de entregar tudo a Deus e a Nossa Senhora das Dores e não me defender de coisa alguma”.(BRAGA,2007, p.92).

Ao construir a cartografia de si, como fez Lampião o Padre também emite um discurso em sua defesa, questionando e nomeando de calúnias e difamações o que havia sido dito contra ele. Enfrentando ele vai mais além, ao “entregar nas mãos de Deus e de Nossa senhora”, o padre evoca a piedade popular, se apropria de um enunciado que o anuncia como um mártir vítima da maldade humana.

A hermenêutica de Cícero se constrói de forma singular, ao misturar religião, política e até mesmo as relações pessoais, todas costuradas

perfeitamente, como quem em uma obra de alta costura, fazendo parte de uma peça só. Cícero que por tantas vezes foi escrito pelo outro, que buscava marca-lo, seja ao imprimir em seu corpo um estigma de mal, seja para exalta-lo nos mais santos altares. Mas ele mistura assombrosamente esses interesses, esses lugares que o acionam, ele constrói-se a partir também da verdade dos outros, dos códigos dos outros, mas aí é que está, a sua cartografia utilizou desses discursos para também se justificar, e aos que tentaram denegri-lo, ele os utilizou para dar mais visibilidade a si, e adquirir mais poder, não poder usurpador ou no sentido mal de ser, porém, um poder de influência, este que não é dado, mas construído a partir de um “cuidado de si” como nos fala Foucault. Vejamos por exemplo essa fala selecionada de Cícero, “*Propagaram contra mim quanta calúnia e inverdades que nunca sequer pensei produzirem tantas prevenções contra mim*”. (BRAGA,2007, p.90) Nela, percebe-se uma vitimização do Santo em que ele se utiliza das perversões dos seus inimigos, para acionar um sentimento de pena por parte daqueles que o seguiam.

No caso mencionado, Lourenço Filho em seus relatos é antagônico, a visão que os romeiros construíram para Cícero e a sua própria, é preciso frisar antes de tudo que Lourenço Filho pertencia a uma elite intelectual, a luz dos saberes científicos que tinham como proposta reformar o Brasil, essa proposta rompia com um Brasil atrasado e arcaico, que para ele, era o próprio Juazeiro. Foi este livro de Lourenço Filho que contribuiu para a construção da imagem dos romeiros pobres e miseráveis, estereótipo que ainda se faz sentir em alguns segmentos sociais atuais, fato perceptível no primeiro capítulo do livro, em que ele descreve a viagem de Fortaleza para Juazeiro e temos a impressão que ele caminha da sociedade moderna e avançada para o interior pobre e retrógrado:

Famílias inteiras, às vezes. O chefe, à frente, monta triste e sonolento cavalo, com uma criança ao colo ou à garupa; a mulher, ao encaço, com um petiz escarranchado na ilharga; velhos caminhando penosamente, aferrados a um bordão; adolescentes de olhar vazio e cansado, conduzindo crianças pequeninas ou sobraçando ‘picuás’... Os que vão doentes se transportam em rede, suspensa por um varapau. E como essa condução é própria, em todo o Nordeste, também aos defuntos,

costuma-se perguntar à passagem: 'Vai vivo ou morto? '... Não raro uma cabeça macerada emerge de dentro, ou um braço nu acena em categórica negativa (...) (p .33).

O que é descrito nessa citação não é uma invenção, de fato o caminho para Juazeiro era um caminho marcadamente feito por gente pobre e humilde. Mas o que movia essa gente? Talvez seja essa a pergunta faltante, o questionamento que deve ser feito sem o olhar preconceituoso. Sabe-se que, as estiagens severas que castigaram toda a região central do Nordeste devem ser levadas em conta, principalmente porque esses eventos climáticos causaram migrações sem precedentes desde a metade do século XIX²⁸. Portanto ao nos voltarmos para Juazeiro dessa época é importante que o enxerguemos como sendo a última e única esperança de um povo já castigado que não teme perder nada mais, era a cidade que transfigurou-se em um porto seguro para aqueles náufragos de vida destruídos por uma maré de azar. Respondida essa questão, outra nos surge, mas por que ir para Juazeiro? Por que não o litoral? Lourenço Filho nos apresenta algumas pistas.

Numa zona de muitas léguas em torno do Juazeiro do Padre Cícero, os “romeiros” têm marcado assim (com cruces), de fato, as árvores, os troncos de raras porteiras, as casas da beira da estrada(...) Há cruces de todos os feitios, de todos os tamanhos, nas mais diversas posições. (...) Quase sempre, coincidem estas com os pousos dos romeiros. (...) Duas iniciais que valem como sinal sagrado por estas brenhas: P. C. (...) O signo piedoso nem sempre representa um marco de fé: é já, por vezes, o atestado de sacrifício sangrento. (...) Não são raros, à margem dos caminhos, esses montículos de seixos e cascalhos, evocadores de mortes trágicas. E a sua repetição, em certos trechos, acaba por impressionar. (...) Cenário tocado de superstição (...) Topam-se, por vezes, bandos armados até os dentes; ranchos de fiéis seguindo um “beato”, que arvora a cruz enfeitada, ou tem amarrado ao cano do rifle um simples lenço vermelho, a que se juntaram rosários e bentinhos. Da sombra do arvoredado, chega-nos, de espaço, um marulhar de vozes indistintas, ou plangência de um canto lúgubre. É um grupo de “romeiros” em oração. Outras vezes, essas

28 Sobre as secas na região nordeste, durante o séc. XIX, ver: VILLA, Marco Antonio. Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. Rev. bras. Hist. vol.22 no.43. São Paulo 2002

manifestações de culto errante se abafam em estampidos, que os ecos repetem ao longe, ou no berreiro de um endemoninhado insubmisso, revoltado contra os que o levam à bênção do “Padrinho”... (...) A maioria arfa de cansaço e privações. Ainda assim vão confiantes, dominados pela idéia da bênção do “Padrinho”, representativa de meio ingresso no céu... Os penitentes provêm de quase todos os estados do Brasil. (...) Mas, dos sertões limítrofes, sobretudo de um círculo de cinqüenta ou sessenta léguas, é que eles acodem, e vão e vêm, sem cessar. (P. 34)

Ao nos depararmos com aqueles peregrinos, que carregavam suas cruzes, seus rosários, rumando para Juazeiro, carregando, sobretudo esperança rumo a uma terra de salvação em direção a uma resposta e proteção divina que se fazia sentir na concretude de um padrinho, este, que teria o poder de protegê-los das dificuldades da vida. Tudo isso pode ser resumido pelo axioma básico de Geertz “aquele que tiver de saber, precisa primeiro acreditar” (Geertz 1989 p. 81). É essa concretude que torna Juazeiro um porto seguro, o litoral entretanto, não oferece a certeza garantida por Juazeiro principalmente no viés religioso, como ocorreu por exemplo com o personagem de João Cabral de Melo Neto, o Severino, da obra “Morte e Vida Severina”, que ao chegar em Recife, tendo saído da Serra da Costela na Paraíba, acreditando ser o litoral o lugar de modernidade e de certezas tem a grande surpresa da obra, na conversa entre dois coveiros no centro da cidade, que dizem *“Não é viagem o que fazem vindo por essas caatingas, vargens; aí está o seu erro: vêm é seguindo seu próprio enterro”* (NETO, 1955 p.19)

Entretanto o caminho de Juazeiro marcado por essas simbologias (Cruzes, rosários, imagens, terços) ou até mesmo as letras PC rabiscados em vários locais do caminho formavam uma memória coletiva desse processo, como nos fala Halbwachs:

Quanto às religiões, elas estão solidamente afixadas sobre o solo, não somente porque se trata de uma condição que se impõe a todos os homens e a todos os grupos; mas uma sociedade de fieis é conduzida a distribuir entre os diversos pontos de espaço o maior numero de ideias e imagens que são por ela defendidas. (Halbwachs. 2004 P. 149)

O fenômeno Juazeiro não estava delimitado aos limites territoriais do lugar, Juazeiro era mais, fazia-se excesso, transbordava, Juazeiro começava no caminho dos romeiros, a cada oração feita, a cada bendito entoado, ali, Juazeiro também se fazia sentir, em toda sua áurea mística, dando força aos seus peregrinos para seguir suas viagens. Não era, e não é qualquer tipo de viagem, para os romeiros, suas almas peregrinam mesmo antes de seus corpos chegarem ao lugar sagrado, em suas preparações, seu espírito já inicia sua jornada, almas que ainda brandem esperança, como nos relatou a Romeira 7:

Quando eu vou pra Juazeiro, parece que tudo lá em casa começa a virar uma festa. Eu sou sincera, passo o ano todo juntando meu dinheirinho, pra ir pra Juazeiro. Ai vai passando o tempo, né? Quando ta chegando perto do dia que eu vou, meu Deus! Parece que eu já to lá, minha imaginação fica só pensando como se eu já tivesse lá.

No dia de ir, depois que eu já tenho ajeitado tudo, tudo, eu rezo pra dar tudo certo. Ai quando a gente vai caindo na estrada, tem que rezar um terço –que é pra Maria passar na frente-- a gente canta os hinos de Padre Cícero, de minha Mãezinha, das músicas da igreja que vamos se lembrando. É muito bom! Parece sabe? Que Juazeiro já começa no ônibus da gente, toda vez é assim, entrei no ônibus já to com um pé em Juazeiro.

Quanto ao grupo de romeiros que se dirigem ao Juazeiro, podemos dividi-lo em dois, o primeiro se constituiu em torno da fé e da crença no milagre, transformando-a em uma causa, de tal maneira, que pelo menos em parte era como se considerasse o reconhecimento oficial por aqueles que controlavam o acesso ao sagrado – a hierocracia – a condição necessária para sua plena oficialidade.

Já o segundo grupo, ao contrário, é mais desorganizado e menos homogêneo, surgiu também a partir da crença básica, mas sem tê-la como causa principal. Neste grupo, do qual pertence a maior parte dos romeiros, acreditava-se que ali era um lugar sagrado, sem precisar ter sua legitimidade oficial da instituição eclesial Católica.

3.6 O Padre e seus romeiros.

Novamente a utilização da obra de Lourenço Filho se faz necessária, isso se deve ao fato de que ele vivenciou Juazeiro nas primeiras décadas do século XX, ou seja, podemos dizer que ele foi uma espécie de “espectador” *In Loco*, e presenciou Juazeiro com seu patriarca vivo, fazendo parte da primeira geração de romeiros. Seu relato traz uma riqueza de detalhes demonstrando o acurado de suas observações:

A maneira pela qual o padre Cícero se dirige aos romeiros, ouve lamentações e queixas, recebe dinheiro e outras dádivas, aconselha e receita (...). Vimo-lo nessa curiosa tarefa. Tivemo-lo ao pé, e estávamos por detrás da mesma janela gradeada, juntoaos batentes da qual se comprimiam, da outra banda, dezenas de alucinados, devotos e penitentes, peregrinos que suaram até o sangue para atingir a suspirada Meca do Cariri, malucos que lhe levavam os últimos tostões, mães aflitas que rogavam a bênção aos filhos moribundos, e com os quais afrontavam, num desespero de leas feridas, naquele ajuntamento dantesco, que as repelia e maltratava. O padre mal distingue, naquele tumultuar, o que todos se esforçam por dizer-lhe, e contenta-se em receber as espórtulas, os mimos singelos ou valiosos, os rosários, medalhas e bentinhos... Aos mais próximos, que lhe renteiam as faces, exibindo por vezes chagas sangrentas, ou os lábios comidos pela boubá, ou as faces maceradas pelo jejum, os olhos desfigurados pelo tracoma, ele receita... (...) Algumas vezes, distribui esmolás. Contudo, mais recebe que dá. E... quando se sente fatigado, quando as mãos em súplica já avançam pelas frestas da janela, e o atingem na sotaina, nos braços ou no peito, e já o empurram e já o empuxam, violentas e ameaçadoras, ele, por sua vez, levanta a destra, como sinal de silêncio, sustenta-a no ar, por um instante, os olhos postos no céu, reverentemente, e desce, enfim, sobre aquela miséria e degradação, a bênção que a todos, indistintamente, consola e aplaca... Depois do que, aferrolhada por prudência a janela, lava as mãos, tranqüilo e satisfeito, e vai merendar. (p. 45-55)

A maestria com que Lourenço Filho nos relata é notável, suas palavras parecem nos transportar metafisicamente até aquela cena do velho sacerdote abençoando seus romeiros da janela de sua casa. No livro de Maria da Conceição Campina(1985), há um relato especialmente comovente da própria autora romeira que transcreve uma fala do Padre Cícero.

Como foi que eu (Pe. Cícero) arranjei amigos? Foi protegendo os pobres. Eles gostavam de mim e votavam comigo que, graças a Deus nunca perdi. Saí da prefeitura quando quis que eu mesmo entreguei a José Geraldo da Cruz. Se eles fizessem como eu fiz, não tinha quem os vencesse, porque o povo ajudava eles, porque não tem quem possa com uma nação grande e revoltada, eu fiz assim: quando os romeiros começaram a chegar aqui, sem ter nada, eu saía pelos sítios pedindo morada aos amigos para eles, depois começou a chegar gente só de visita e me dava dinheiro, e eu juntei e pensei: eu vou é comprar terra pra botar eles pra morar e trabalhar. E assim fiz. Separei uma parte da terra para eles fazerem as casas, criar galinhas, cabra de leite e um animalzinho para carregar as suas carguinhas e o resto eu cerquei de arame pra botar roça. Tanto para mim quanto para eles. E eu só cobrava dos reideiros meia quarta de tarefa, o restante era do reideiro, pois eles é quem trabalhava. O dono é eles. Se eles não limpassem a terra coberta de mato, não daria nada de futuro. (...) (Campina, 1985. p.179).

É notório que a explicação dada por esta romeira não tem como foco uma explicação religiosa. A interpretação do discurso nos aponta a sofisticação de sua fala elaborada e construída a partir do que ela viu, ouviu e leu a respeito do Santo Padrinho, ela não tem um olhar de fora para dentro, mas justamente ao contrario, ela está no que Braga chama de “primeira geração de romeiros”, ou seja, peregrinos que viram Cícero em vida. Ainda sobre essa narrativa pode-se desconstruir a ideia de que, os romeiros eram vítimas ignorantes dos trâmites e maquinações do Patriarca de Juazeiro.

Cabe-nos ainda ao nos debruçarmos sobre a relação do Padre Cícero com seus romeiros perceber que esse enlace envolvia a feição, mas também severidade com que combatia o pecado. Entretanto, longe de construir um falso moralismo e de ser um mero acusador, Cícero se diferencia novamente, “Odiar o pecado e amar o pecador” fórmula medieval complexa e núcleo duro do evangelho cristão que nos parece traduzir como se deve portar um verdadeiro católico no ato de não condenar, mas converter.

Alguns relatos de época dão conta das intervenções severas feitas por Cícero quando se tratava sobre a vida e a moral da cidade. Um desses relatos

nos chama atenção por ser quase cômico feito por Amália Oliveira²⁹,(BRAGA,2007, p.108) é exemplar:

Um dia alguém lhe avisa que está havendo um samba no Cajueiro. Após a reza do rosário, o Padre toma sua frugal refeição, e dirige-se, acompanhado de um dos amigos, para o Cajueiro, levando seu cajado, já usado, àquela época, quando fazia essas diligências.

Estavam todos no maior entusiasmo, dançando, bebendo e cantando, quando um dos ‘espias’ que sempre ficava a disposição vigiando, alarmou o grito: ‘lá vem seu Padre!’ Foi um verdadeiro estouro de boiada; tocadores e dançadores correram logo, ficando apenas uma das sambistas que embriagada pelo álcool e pelo calor da dança, não viu a saída dos companheiros e ficou no terreiro dançando e cantando – ‘quando eu quero eu quero – Quando eu quero é já’ (bis).

O Padre aproximou-se e falou zangado, quase empunhando o cajado: ‘O que tu queres mulher?’ e a mulher, entre surpresa e atordoada, ajoelhou-se, pondo a mão em atitude de quem ora, respondeu aflita – ‘Quero me confessar, seu Padre’.

O Padre Cícero contava essa história rindo do espanto da dançarina. (Oliveira, 2001: p.64)

Para lançarmos um olhar sobre essa narrativa, é imperativo que não cometamos um anacronismo, não é possível perceber o que foi narrado com “os olhos de hoje” admitindo que lemos o mundo com nossos conceitos, se fizermos isso, lançaremos nossos valores em uma época que não os cabe. Padre Cícero antes de qualquer coisa era um homem do seu tempo, com valores do seu tempo, valores que hoje parecem, nos apresenta-lo retrógrado, sua forma de agir e julgar estava em seu contexto histórico, para, além disso, a narrativa supracitada tem dois pontos que devem ser observados.

O primeiro aponta para algo demasiado humano no Santo Sacerdote. O achar graça, o rir da lembrança dessa situação. Nesta última frase, Amália nos oferece uma imagem de um homem simples, e se assim podemos colocar, o mais distante de um mito.

29

A autora não precisa uma data. Pelos dados que ela fornece, aparentemente trata-se de algo que ocorreu num período que Juazeiro ainda mantinha uma população não muito grande, capaz de em todas as suas extensões serem moralmente controlada pelo Padre.

Em segundo, ele relata algo que seja a ser um contraponto disso, entretanto, um contraponto que é igualmente humano e distante de um mito hagiográfico. Um Padre Cícero moralizador e até mesmo repressor, bem distante do relativismo moral que vai emergindo no século XX.

3.7 O profano entrelaçado ao sagrado.

A religião tem um papel de destaque quando se trata do desenvolvimento do tempo de lazer, isso acontece de tal maneira que viagens e atividades no mundo moderno não podem ser completamente entendidas a menos que a religião seja considerada como variável importante para este entendimento. Para Timothy e Olsen (2006), igrejas, mesquitas, catedrais e monumentos religiosos são apontados como promotores do turismo, de forma que estes lugares sagrados chegam a ser mais visitados por turistas do que por peregrinos espirituais. Tal acontecimento se deve a alguns fatores, entre eles, os governos e as agências de turismo que ao tomarem conhecimento da intensa visitação a estes locais passam a investir na ampliação de sua visibilidade, tendo por interesse óbvio captar um público com maior potencial econômico, ou seja, uma espécie de “turistas religiosos”, o resultado disso, é que os lugares sagrados passam a fazer parte de um mercado turístico, e passam a ser comercializado nas agências de viagem.

Silveira (2003) explora a ideia de que as manifestações religiosas produziram um novo tipo de lazer, e sugere haver uma tensão entre fé e diversão, que favorece o surgimento de uma nova categoria: o turismo religioso. Tal evento provocaria uma tensão entre comunidade e visitantes, por promover no turista um distanciamento revertido em refinamento de sua identificação e reforço da diferença, sem mais a comunhão do encontro com outro. Dois aspectos desses processos suscitados por Abumanssur (2003), merecem destaque: 1. O uso da categoria de turismo religioso só foi possível graças a um longo processo de secularização da cultura, que gerou novos padrões de religiosidade e autonomia as ciências na interpretação das religiões como fenômenos sociais; e 2. Estudar as romarias em suas dimensões religiosa e turística possibilita uma análise que incorpora além do lazer e consumo, as tensões e contradições vivenciadas pelos agentes envolvidos. (CORDEIRO, 2010: p. 83)

Tomando como ponto de partida essa análise, Steil (2002) enumera três tendências para interpretar o turismo, primeiro, o turismo como sendo um artifício que se utiliza das imagens dos lugares e a forma de ser de determinada localidade que se modificam para atender as diversas expectativas dos visitantes. Segundo, o turismo seria uma forma de buscar autenticidade fora do que é cotidiano, e por último, o turismo como uma forma de consumo.

No que tange a Juazeiro, devemos observar que ao longo dos anos houve, tanto por parte dos poderes públicos quanto da igreja – desde as irmandades, até Ordens eclesiais como os salesianos e os franciscanos – um empenho em construir cenários artificiais, que fossem capazes de despertar nos romeiros seu imaginário com relação aos acontecimentos durante a vida do Padre Cícero. Um exemplo claro disso, são as construções no alto da colina do Horto, primeiro, a estátua do Padre Cícero, com 25 metros de altura, ao seu lado, um museu vivo no qual imagens em tamanho real feitas em resina parecem nos transportar para o passado, na exata época em que viveu Padre Cícero, um claro exemplo do que discute a primeira tendência.

Durkheim, em seu livro *“As formas elementares da vida religiosa”* discute uma versão moderna da preocupação com o sagrado, sabendo que os campos religiosos e turísticos são determinados pelo mesmo mecanismo, que tange o sagrado e o profano. Durkheim (1989) nos alerta “... Tudo se passa como se ele [o praticante do ritual] tivesse sido transportado realmente para um mundo especial, muito diferente do cotidiano, para um ambiente povoado de forças de excepcional intensidade, que invadem e o transforma”. Na maioria dos casos, viajar é exatamente isso, é sair do cotidiano, não importando para onde irá, viaja-se para perceber que o cotidiano não é tão ruim. Essa seria a discussão da segunda tendência.

Já a terceira tendência nos fala que através dos lugares e dos olhares os viajantes buscam realizar um desejo que se faz excesso em seus sentimentos, geralmente, as empresas de turismo trabalham na propaganda de que existe uma possibilidade de viver uma experiência cheia de significados, seja ele

espiritual ou não. Neste caso, o turista consumiria a viagem como faz com a mercadoria. Esse modo de ver a viagem como um bem de consumo, também se fez permear nas romarias do Juazeiro do Norte. A cidade transformou-se em um grande centro comercial, principalmente ao redor das igrejas e dos monumentos.

A relevância do turismo religioso se assenta na sua capacidade de atrair pessoas da classe média e alta; contudo, o povo mantém uma estrutura organizacional própria na realização de romarias, com traços culturais que remontam a tradição das peregrinações penitenciais, ao mesmo tempo em que incorporam aspectos típicos do turismo da modernidade. De outra forma, o culto também funciona como mídia seminal da ortodoxia religiosa entre massas analfabetas. Para Steil (2003), entretanto, a romaria opera como discurso “metassocial” que comporta duas formas de sociabilidade: a lógica da peregrinação em situação de comunhão, e a lógica turística da distinção e do estranhamento na relação com o outro. Essa abordagem no campo dos deslocamentos, como romarias ou deambulações turísticas, coloca em xeque a interação entre os acentos envolvidos – indivíduos e grupos – que são plurais, resultantes de diferentes ordenamentos e códigos sociais, e refletem a busca de identidade pessoal e coletiva num mundo em rápida transformação. (CORDEIRO, 2010: p. 88).

Durkheim (1989) já discutia como que o mundo das coisas religiosas é produzido por forças intensas e tumultuosas, capazes de deixar o material simbólico em excedente, esse, seria fruto do estado de euforia e efervescência dos fieis. Assim, esse mundo não seria apenas resultado da expressão de práticas do campo das simbologias, a recreação neste caso também teria o seu lugar na renovação espiritual e ética, que é o objetivo do culto, sabendo que, através da liberdade ocorrem as liberações das tensões, podendo, portanto, fortalecer os fiéis, nas palavras de “a própria ideia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a ideia de festa”(DURKHEIM, 1989: p. 456).

Nesse sentido, a festa possui em si uma característica de mantedora da ordem social, sendo ela uma transgressão simbólica desta mesma ordem, permitindo a pacificação das pressões sociais. Sendo assim, essas festas seriam eventos fora do dia a dia, contextualizados na condição de situações

extraordinárias e previstas construídas pela e para a sociedade. Do ponto de vista sociológico, as festividades religiosas no Brasil seria resultado de uma tentativa de estabelecer uma ligação entre diferentes culturas durante o período colonial, como por exemplo, a Festa do Divino³⁰, que é uma mistura de um evento católico – o pentecostes, que é a descida do espírito santo sobre os apóstolos – que ocorre 50 dias depois do domingo da páscoa e elementos populares que foram incorporado à festa, como a figura do imperador, o levantamento do mastro e a queima de fogos de artifícios.

Ao trabalhar com as romarias, é necessário saber que elas estão diretamente ligadas às festas religiosas, produzindo, de acordo com Cordeiro (2010) “um espaço de convergência de narrativas teóricas”, já que a festa, assim como as peregrinações ou as viagens de turismo produzem uma suspensão do cotidiano. Romaria e festa são capazes de produzir uma poderosa experiência extra cotidiana, assim, o termo romaria se confunde com as festas, Cordeiro ainda elabora um quadro tipológico capaz de diferenciar os diversos tipos de romeiros em toda sua diversidade:

QUADRO 1: Tipificação dos participantes das romarias que se nomeiam romeiros em Juazeiro do Norte.

TIPIFIKAÇÃO DOS PARTICIPANTES	CARACTERIZAÇÃO	PRÁTICAS RELIGIOSAS	DEFINIÇÃO DE ROMARIA
Romeiros-moradores	Migrantes e seus descendentes de primeira e segunda geração, geralmente localizados em faixa etária superior a quarenta anos. Partilham de memórias da formação e desenvolvimento da cidade e mantêm	Transitam sem dificuldades entre as práticas do catolicismo oficial e manifestações populares de devoção. Geralmente consideram-se “muito religiosos” do ponto	Têm uma visão abrangente da romaria, provavelmente porque aproximam-se do evento numa relação de expectador, ao invés de participante e, em decorrência, percebem a romaria tanto como

30

A Festa do Divino começa no dia de Pentecostes, quando é escolhido o imperador, que será o responsável pela condução da celebração. Em algumas regiões do Brasil a eleição é feita por sorteio, enquanto em outras, o Bispo aponta a pessoa encarregada. Igualmente, são escolhidos auxiliares que ajudarão o imperador a fazer a festa. Ao longo de todo ano, são realizadas cantorias e novenas cujo objetivo é arrecadar fundos para custear as cerimônias. Oficialmente, no entanto, a festa ao divino Espírito Santo se inicia na novena ao Espírito Santo, nove dias antes do domingo de Pentecostes. Igualmente, a bandeira do divino – um pavilhão vermelho com uma pomba branca ao centro – é carregada por músicos e rezadeiras que visitam a casa dos devotos para cantar e rezar. A fim de agradecer as orações, é costume que o anfitrião sirva um lanche aos visitantes e faça uma oferenda conforme suas possibilidades econômicas. Na véspera do domingo de Pentecostes é realizada uma grande procissão, e a ascensão do mastro da bandeira com o divino, em muitas cidades, essa cerimônia é marcada com a queima de fogos de artifícios.

	referências aproximadas sobre a figura do Padre Cícero, o seu papel em suas vidas e na construção de Juazeiro como um espaço de salvação.	de vista de sua assiduidade aos cultos e no atendimento às obrigações da religião.	narrativa da cidade, quanto como forma de manifestação popular que engloba várias modalidades de participação.
Romeiros-turistas	Participantes que consideram o lugar visitado passível de "ser aproveitado" em suas múltiplas oportunidades de experiência fora do cotidiano. Geralmente possuem maior escolaridade e são provenientes de meios urbanos, onde acessam noções de lazer e férias como experiências desejáveis através de deslocamentos geográficos.	Têm uma atitude pouco fervorosa em relação às práticas religiosas, muitas vezes considerando-as como encargo da romaria. Visitam as igrejas como "tarefa obrigatória", que depois de cumprida abre espaço para outras experiências de lazer e entretenimento.	São afeitos às noções de romaria como festa ou passeio. A partir disso, constroem uma experiência eclética que engloba idas ao shopping e lazeres balneares. Romaria, nesse caso, tem sentido de excursão que desperta interesse semelhante a outros eventos e festas de tradição popular ou rústica.
Romeiros-devotos	Participantes tradicionais que estabelecem um contrato vitalício de retorno anual como expressão de sua relação pessoal com o santo protetor. São provenientes de meios rurais, vilas e zonas periféricas ou de centros urbanos onde mantêm expressões culturais rústicas. A narração das mudanças na prática das romarias concentra-se nos subgrupos de romeiros que apresentam essas características.	Estabelecem uma frequência variável a práticas religiosas em seu universo de origem decorrentes principalmente de sua ligação com o trabalho rural e dificuldades de deslocamentos a cultos coletivos semanais. Os estabelecidos em meios urbanos ou periféricos são assíduos aos cultos oficiais. Mantém no domínio doméstico o culto ao Padre Cícero, inclusive por meio de orações diárias, veneração à imagem do santo e regularidade de cerimônias de "renovação".	São adeptos e defensores da interpretação da romaria como expressão de penitência. A partir dessa noção, criticam as experiências distintas das práticas religiosas como pertencentes a um quadro de usurpação de significados. A construção dessa identificação do que é e do que não é romaria a partir da observação das práticas dos outros, oferece elementos para um discurso saudosista sobre um passado idealizado de práticas romeiras exclusivamente religiosas.
Romeiros-acompanhantes	Participantes cujo vínculo com a romaria não está relacionado à escolha pessoal em função da devoção com o santo, mas ao acompanhamento por pressão ou voluntário a outro participante da romaria. Geralmente são curiosos de qualquer idade ou jovens, menores de 18 anos a quem os familiares mais velhos tentam inculcar a importância das práticas religiosas.	Estão geralmente em estágios variáveis do processo de socialização religiosa. Tanto há envolvidos em práticas de devoção oficiais e populares quanto os que dão os primeiros passos na aproximação com o catolicismo ainda demonstrando alheamento a expressões do culto religioso característico das romarias.	Percebem a romaria como uma "aventura do conhecimento do mundo". Não tem uma elaboração formada sobre a experiência, recorrendo frequentemente à leitura dos mais experientes para construir uma elaboração racional sobre o deslocamento. Evocam muito as referências de narrações e explicações de segunda mão como forma de elaborar a experiência num quadro de representações.

Fonte: Cordeiro, 2010: p. 93.

A discussão nos apresentada no quadro acima lança reflexão sobre os diversos tipos de romeiros, primeiro, desconstruindo o termo genérico de "os romeiros", principalmente pelo fato de que existem distinções nas motivações. Romeiros, moradores, turistas, devotos e curiosos são categorias que podem ser tomadas como sociais, observadas de forma distinta ao longo do tempo, passando a ser constituída de forma diferenciada. Em Juazeiro do Norte, a prefeitura, no órgão da Secretaria de Turismo criam diversos cenários capazes de criar diversificadas demandas para abranger os diferentes tipos de romeiros, isso fica claro ao observarmos que durante os períodos de intensa movimentação a prefeitura disponibiliza atrações folclóricas, religiosas, shows

de forró, diversas apresentações nos teatros da cidade, nas praças e nas casas de show.

É notório, portanto, como a cidade de Juazeiro se construiu, se desenvolveu, e ainda se mantém através do turismo, principalmente do turismo devocional. Fato é que, ainda hoje, Juazeiro do Norte depende do Padre Cícero, seu primeiro grande expoente ainda hoje é a figura central de toda espacialidade da cidade, sua imagem está presente nas casas de comércio, nas praças, nas ruas, nas casas, nos órgãos públicos, enfim, o ar que se respira em Juazeiro ainda hoje é um ar de misticismo religioso, Cícero ainda vive, metaforicamente, em Juazeiro.

Juazeiro é capaz de suscitar em nós sentimentos que a língua portuguesa não é capaz de descrever através de suas palavras. Romeiros com pedras na cabeça, percorrendo grandes distâncias a pé ou até mesmo de joelhos, carregando cruces pesadas com os pés descalços sobre o chão escaldante, são imagens cotidianas da cidade de Cícero. O suíço Carl Gustav Jung(1988) ,declarou: *“tudo depende de como vemos as coisas e não de como elas são”* mas só é possível entender a fé com o olhar da fé, sendo cético, essas atitudes dos peregrinos de Juazeiro beiram a loucura, entretanto, para aquelas almas que migram, esses atos se configuram em esperança, esperança de dias melhores, em uma vida tão conturbada e cheia de atropelos, julgá-los? A quem cabe tal tarefa? Quem se encontra no direito de tal empreitada? Por fim, novamente uma citação de Gustav Jung, quando em uma entrevista para a BBC de Londres em 1959, foi perguntado se ele acreditava em Deus, respondeu então: *“Eu não preciso acreditar, eu sei.”*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora que estou no fim do meu relato, tenho pena que acabe.³¹

Portanto, podemos perceber como Juazeiro se construiu através do tempo e como o Padre Cícero e seus romeiros transfiguraram o cenário daquela localidade. Percebemos assim, que na *Jerusalém do Cariri* existem continuidades, mas também há rupturas criativas, desde os deslocamentos de romeiros, contextos locais e dos eventos religiosos.

Em Juazeiro do Norte, podemos perceber vários acontecimentos que se destacam e se sobrepõe no estabelecimento do contexto atual, de relação nas romarias. O enfoque principal desta pesquisa foi o eixo Padre Cícero, Juazeiro e romarias, configurando-se como sendo a principal inter-relação que compõe as estruturas da cidade. Neste sentido, suscitamos algumas questões como, por exemplo, o jogo de interesses que se estabeleceu na localidade com relação à santidade do Padre Cícero, no qual as romarias tem um papel relevante chegando ao ponto de inverterem certas relações de poder que aparentemente estavam estruturadas dentro do campo religioso católico.

Esse ponto em específico se dá através das romarias que se transfiguram no decorrer do tempo, como sendo uma canonização do Padre Cícero por meio dos seus romeiros, ou seja, uma “canonização popular”, na qual o povo tomou Cícero como pertencendo ao panteão dos santos, mesmo sem o reconhecimento da Igreja Oficial. Esse não reconhecimento oficial da igreja não foi capaz de abalar as romarias e a fé do povo. Nas palavras de Cordeiro (2010):

Em Juazeiro e suas romarias, nenhum outro santo do panteão católico rivaliza com os santos dos romeiros; Padre Cícero é santo, um grande santo, e nenhum poder pontifical, episcopal ou clerical foi capaz, no decorrer dos anos, de contrariar esta verdade romeira que

31 ANTUNES, Antônio Lobo, *Não entres tão depressa nessa noite escura*. Lisboa: Dom Quixote, 2000, p. 467.

ainda se mantém soberana no Juazeiro das romarias. (Cordeiro, 2010: p. 247).

Toda a análise contida nesta pesquisa foi feita através da memória dos relatos dos romeiros. As narrações e a descrição de sua fé são importantes na manutenção das tradições e perpetuadores de sentidos que extrapolam as romarias e remetem a suas concepções de valores e crenças. Por conseguinte, as narrativas romeiras estão para além de qualquer teoria, sentimentos fortes estão escondidos por trás de cada palavra, até mesmo naquelas não ditas.

Por fim, outra questão importante discutida ao longo deste texto foi sobre a não homogeneidade em Juazeiro, a cidade é um espaço liso por excelência – no conceito de Deleuze – ou seja, não existe um único tipo de romeiro, nem uma única forma de romaria, as marcas das individualidades são gritantes em Juazeiro. Então como falar desses romeiros tão diferentes entre si, tão cheio de suas particularidades? Como escrever quando eles se fazem excesso? E no seu excesso, a nossa escrita não lhes alcança? Pois o olhar moderno tende a generalizar.

Ao falar sobre os romeiros me vi então, na mesma inquietude que se encontrou a professora Auricélia Lopes ao tratar sobre os mendigos na modernidade, em seu texto de doutorado (2010): *“Como dizer deste com quem trabalho? São personagens fortes que daninham vidas, dobram almas, fazendo delas a margem desses tempos o desconforto dessas horas”*. Assim, os romeiros se constroem em mim como disjunção, como não coincidência, como heterogêneos.

Então, um fim, deixo a você leitor, a tarefa de estabelecer seus julgamentos, você com seu poder soberano e o seu olhar poderoso. Afinal, durante minha pesquisa, percebi dos mais céticos com relação ao Juazeiro, que eles já tinham seus julgamentos prontos, suas ideias feitas, e sua sentença proferida. Então, farei como Lobo Antunes, “Quem narra isto por mim?”³², é você? Se for, caro leitor, te devo alertar, os romeiros, eles tem vida, “não são

32 ANTUNES, Antônio Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Lisboa: Dom Quixote, 2003, p. 121.

objetos, nem meus, nem teus, a não ser por um feitiço metodológico.”³³, eles já estão nas procissões de suas vivências, você não poderá alcançá-lo, a não ser igualando-se a eles, e indo em romaria até o Padre Cícero, mas se fores, novamente te alertarei, desta vez com Luiz Gonzaga, “O Padre tá vivo, ele não tá morto.”³⁴

33 PEREIRA, Auricélia Lopes Fluxos de Vida/textos de rua: mendigos nas dobras do tempo. UFPE. 2010. Doutorado em História- Programa de pós-graduação em História do Brasil- Recife 2010, p. 292.

34 Viva Meu Padim, Luiz Gonzaga, 1986.

*Meu Juazeiro, eu vou partir
Guardo no peito saudades de ti
Adeus, adeus amor
Até um dia se Deus quiser.³⁵*

35 Adeus, Adeus Juazeiro, Ary Lobo, 1964.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M. A. **Cordel Português I Folhetos do Nordeste: confrontos - um estudo histórico-comparativo**, Tese de doutoramento, IEL-UNICAMP, Campinas, 1993.

_____ "**Pobres Leitores**", m: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/literaturapopular/index.html>.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira: história, espaço e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.

ALMEIDA, A. A. F. de. **Dicionário Bio-bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada**, João Pessoa, Ed. Universitária, 1978, 2 vol.

ALMEIDA, M. W. B. **Folhetos (A Literatura de Cordel no Nordeste Brasileiro)**, Dissertação de Mestrado, FFLCH- USP, 1979.

ÂNGELO, A. **A Presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo**, São Paulo, Ibrasa, 1996.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Não entres tão depressa nessa noite escura**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Que farei quando tudo arde?** Lisboa: Dom Quixote, 2001.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Boa tarde às coisas aqui em baixo**. Lisboa: Dom Quixote, 2003.

ANTUNES, Antônio Lobo. **Eu hei-de amar uma pedra**. Lisboa: Dom Quixote, 2004.

BARROS, L. O. C. "**Do Ceará, Três Santos do Nordeste**", In: Antropologia, São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1980.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____ . **História Cultural na Idade Média**. 1988

BRAGA, Antônio Mendes da Costa, **Padre Cícero, sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Porto Alegre: Edusc, 2007.

CAMPINA, Maria da C. L. **Voz do Padre Cícero e Outras Memórias**. São Paulo: Edições, Paulinas, 1985.

- COMBLIN, J. **Padre Cícero de Juazeiro**. São Paulo: Editora Paulus, 2011.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**, Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. **A escrita da História**. 2º Ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- DELEUZE, Gilles. Mil-Platôs: **Capitalismo e Esquizofrenia**, v. IV. SP: Editora 34, 1997.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977]
- Dinis, M. **Mistérios do Joazeiro: história completa do Padre Cícero Romão Batista do Ceará**. Juazeiro: Tipografia de O Joazeiro, 1935.
- DURKHEIM, E. **Formas Elementares de Vida Religiosa**. 2ª edição. São Paulo: Paulus Editora, 1989.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FAUSTO, Boris (Org.). **História geral da civilização brasileira: sociedade e instituições (1889-1930)**. 3. ed. São Paulo: Difel, 2006. v. 9. p. 46-103. 139 História: Debates e Tendências – v. 11, n. 1, jan./jun. 2011, p. 121-139 - Publicado no 1o semestre de 2012
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. Neves (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo oligárquico: da Proclamação da República à Revolução de 1930 – Primeira República (1889-1930)**. Vol. 1 – 10ª ed. , Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Petrópolis: Vozes, 1991
- FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos (I)** (1900), A - vol. 4. 2ª edição. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007b.
- FOUCAULT, Michel. 1979. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal.
- FOUCAULT, Michel. 1995a. "O Sujeito e o Poder" *in* RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. 1995. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Para além*

do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel. 1995b. "**Entrevista a Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow**". *in* RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. 1995. *Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel. **Nacimiento de la Biopolítica**. Curso em el Collège de France: 1978-1979. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007c.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. (formato 27x21 cm)

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa**. 4ª. Edição. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004.

GERSON, Paula L. **Pilgrimage. In: Medieval France**. 1995. Disponível em: <http://www.bookrags.com/tandf/pilgrimage-tf/> Acesso: 15 nov. 2019.

GOLD, Ann Grodzins. **Pilgrimage – South Ásia. In: Encyclopedia of Modern Ásia**. 2002.

HALBWACHS, Maurice. **La Topographie Légendedaire des Évangiles en Terre Sainte**. Paris: PUF, 1971.

_____. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

Jung CG. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1988.

_____. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

_____. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008b.

LE GOFF, Jacques, 1924 **História e memória**, tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Joazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926].

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. Testes ABC: **Para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

- LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström .**Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927). 4a edição aum. Brasília: MEC/Inep, 2002. (Edição digital)
- MATTOS, Hebe. A Vida política IN: SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação: 1808- 2010. A abertura para o mundo (1889-1930)** Vol. 3. Fundación Mapfre. Editora Objetiva, 2012, p. 85-131.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e Outros Poemas** Para Vozes.4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000
- MENDONÇA, Sonia Regina de. **Estado e sociedade: a consolidação da república oligárquica**. In: LINHARES, Maria Yeda (Org.). História geral do Brasil. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira, Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestados IN: FAUSTO, Boris (dir.). **III. O Brasil Republicano. 2 Sociedade e Instituições (1889-1930)**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p 40 - 85.
- MOREL,Edmar. **Padre Cícero: o santo de juazeiro**. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira,1966.
- NETO, Lira, **Padre Cícero: poder, fé e guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das letras,2009.
- NOBRE, Edianne dos Santos. **Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos**. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pósgraduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.
- OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** - Verdadeira História de Juazeiro. Fortaleza: Premium, 2001 [1969].
- OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Memória da Cidade: transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.
- OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros. História Real, observação pessoal e impressão psychological de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste**. Rio de Janeiro, 1920.
- PEREIRA, Auricélia Lopes **Fluxos de Vida/textos de rua : mendigos nas dobras do tempo**. UFPE. 2010..Doutorado em História- Programa de pós-graduação em História do Brasil- Recife 2010.

PEREIRA, Auricélia Lopes **O rei do cangaço e os vários lampiões**. UFPE. 200. Mestrado em História- Programa de pós-graduação em História do Brasil- Recife 2000.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A república burguesa (1989-1930)**. In: SANTOS, Raimundo (Org.). Dissertações sobre a revolução brasileira. São Paulo: Brasiliense, 2007.

PENNA, Lincoln Abreu. **República brasileira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RAMOS, Maria de Lourdes Lôpo. **História Oral de Vida: professor, identidade e PCN-História**. Campina Grande: UEPB, 2001. Dissertação.

ROSENDAHL, Zeny. **Percepção, vivência e simbolismo do sagrado no espaço: peregrinos e turistas religiosos**. In: LIMA, Luiz Cruz (Org.). Da cidade ao campo: a diversidade do saber-fazer turístico. Fortaleza: UECE, 1998. p. 134-143.

SANCHIS, Pierre. **Arraial: festa de um povo; As romarias portuguesas**. Lisboa, Dom Quixote, 1983.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A., 1973.

_____. **O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução: Paulo Perdigão. 6 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 782.

SILVA, Antenor Andrade de. **Cartas do Padre Cícero [1877 - 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982.

SILVA, Honorio de Pedra e. **Historia profetizada pelo Revdmo Padre Carlos Galli**, Juazeiro do Norte, s.d.

SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida**. In: ABUMANSUR, Edin Sued (Org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

SLATER, Candace. **Trail of Miracles**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1986.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres : aspectos do catolicismo popular**, Natal : IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. **O Sertão das Romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. 1ª edição. Petrópolis: Editora vozes, 1996.

_____. **Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso, raízes etimológicas e interpretações antropológicas**. In.: Abumanssur, Edin Sued

(org.). Turismo Religioso. Ensaio antropológico sobre religião e turismo. Campina: Papyrus, 2003.

_____. **Padre Cícero: Tradição e Modernidade.** Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e...quem é ele?. Dumoulin, A. Guimarães, A. Forti, M. C. P. (Ed.) 18 a 22 de Julho em Juazeiro do Norte – CE, 2004.

TEXEIRA, Paulo Eduardo, Antonio Mendes da Costa Braga, Rosana Baeninger (org.). **Migrações: implicações passadas, presentes e futuras Marília:** Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TIMOTHY, Dallen J.; OLSEN, Daniel H. **Tourism, religion and spiritual journeys.** New York: Routledge, 2006.

FONTES ORAIS

Romeira 1, 55 anos, dona de casa, reside em Campina Grande-PB;

Romeira 2, 53 anos, professora do ensino básico, integrante do Apostolado da Oração, reside em Serra Branca –PB;

Romeira 3, 68 anos, enfermeira aposentada, atua na igreja como Ministra da Eucaristia, reside em Campina Grande –PB;

Romeira 4, 59 anos, funcionária pública do Estado da Paraíba, reside em Campina Grande –PB;

Romeira 5, 41 anos, diarista, reside em Lagoa Seca- PB;

Romeira 6, 73 anos, funcionária pública aposentada, atua na Pastoral da Pessoa Idosa, reside em Campina Grande;